



CAMINHOS do FUTURO
MINISTÉRIO DO TURISMO - AVT/IAP - NT/USP

ECOTURISMO

Módulos

Introdução ao Ecoturismo
Paisagens Naturais Brasileiras
Planejamento do Ecoturismo
em áreas protegidas

Autores

Pedro de Alcântara Bittencourt César
Beatriz Veroneze Stigliano
Sidnei Raimundo
João Carlos Nucci

Coordenação

Regina Araujo de Almeida
Luiz Gonzaga Godoi Trigo
Édson Leite
Maria Ataíde Malcher

Livro do Aluno



ECOTURISMO

Módulos

Introdução ao Ecoturismo
Paisagens Naturais Brasileiras
Planejamento do Ecoturismo
em áreas protegidas

Autores

Pedro de Alcântara Bittencourt César
Beatriz Veroneze Stigliano
Sidnei Raimundo
João Carlos Nucci

Coordenação

Regina Araujo de Almeida
Luiz Gonzaga Godoi Trigo
Édson Leite
Maria Ataíde Malcher

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ecoturismo / Pedro de Alcântara Bittencourt César...[et al.] ; coordenação Regina Araujo de Almeida...[et al.]. -- Ed. rev. e ampl. -- São Paulo : IPSIS, 2007.

Outros autores: Beatriz Veroneze Stigliano, Sidnei Raimundo, João Carlos Nucci

Outros coordenadores: Luiz Gonzaga Godoi Trigo, Édson Leite, Maria Ataíde Malcher

Acima do título: Caminhos do Futuro - Ministério do Turismo, AVT/IAP, NT/USP.

Bibliografia.

ISBN 978-85-98741-07-9

1. Ecoturismo 2. Educação ambiental 3. Turismo - Estudo e ensino 4. Turismo - Planejamento I. César, Pedro de Alcântara Bittencourt. II. Stigliano, Beatriz Veroneze. III. Raimundo, Sidnei. IV. Nucci, João Carlos. V. Almeida, Regina Araujo de. VI. Trigo, Luiz Gonzaga Godoi. VII. Leite, Édson. VIII. Malcher, Maria Ataíde.

07-1926

CDD-338.479107

Índices para catálogo sistemático:

1. Turismo : Estudo e ensino : Textos didáticos
338.479107



O Ministério do Turismo está lançando a coleção de livros de educação para o turismo, um produto do projeto Caminhos do Futuro. Trata-se de mais uma iniciativa para envolver toda a sociedade no esforço de dar qualidade e aumentar a competitividade do turismo brasileiro, com vistas no desenvolvimento econômico e social do Brasil. Neste caso, com os olhares voltados para professores e alunos do ensino fundamental e médio da rede pública.

Os livros abordam temas relevantes para o turismo no país. Mostram caminhos e a importância de se desenvolver o turismo de forma sustentável e inclusiva, gerando renda e benefícios para todos os brasileiros. O desafio é capacitar professores em conteúdos de turismo, para que absorvam novos conhecimentos e despertem nas crianças e jovens o interesse pela conservação do patrimônio natural e cultural e também pelas carreiras emergentes no mercado do turismo.

O projeto Caminhos do Futuro se insere nas diretrizes do Plano Nacional de Turismo, que reconhece o turismo como atividade econômica e incentiva parcerias para o desenvolvimento do setor. A coleção de educação para o turismo é um exemplo da união de esforços entre o Ministério do Turismo, o Instituto de Academias Profissionalizantes, a Academia de Viagens e Turismo e a Universidade de São Paulo, com apoio da Fundação Banco do Brasil.

Esse esforço conjunto de agentes públicos e privados vai permitir dotar as escolas brasileiras de material didático-pedagógico de qualidade, democratizando para todo o País o conhecimento sobre as várias faces do turismo e suas potencialidades. As crianças e jovens terão a oportunidade de vislumbrar no turismo um fator de construção da cidadania e de integração social. A possibilidade de um futuro melhor para todos.

Walfrido dos Mares Guia
Ministro do Turismo

República Federativa do Brasil

Presidente: Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério do Turismo
Ministro

Walfrido dos Mares Guia

Secretaria Executiva
Secretário

Márcio Favilla Lucca de Paula

Secretaria Nacional de Programas
de Desenvolvimento do Turismo
Secretária

Maria Luisa Campos Machado Leal

Departamento de Qualificação e
Certificação e de Produção
Associada ao Turismo
Diretora

Carla Maria Naves Ferreira

Coordenação-Geral de
Qualificação e Certificação
Coordenadora-Geral

Tânia Mara do Valle Arantes

Consultoria Técnica do Projeto
Consultora da UNESCO

Maria Aparecida Andrés Ribeiro

Revisão Técnica e Adequação
de Textos
Acompanhamento e Avaliação
do Projeto

Consultora do PNUD
Stela Maris Murta

IAP – Instituto de Academias Profissionalizantes

Conselho

Presidente

Tasso Gadzanis

Vice-Presidente

Flávio Mendes Bitelman

Secretário

Nilton Volpi

Tesoureiro

Osmar Malavasi

Diretora Acadêmica

Regina Araujo de Almeida

Conselho Consultivo

Caio Luiz de Carvalho

Luís Francisco de Sales

Manuel Pio Corrêa

Equipe Academia de Viagens e
Turismo - AVT

Coordenação

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Assistente Administrativo

Silvânia Soares

Assistente Financeiro

Carmen Marega

Assistente Técnico

Marcelo Machado Silva

Material Didático do Projeto
Caminhos do Futuro

Equipe de Coordenação

Regina Araujo de Almeida

Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Edson R. Leite

Maria Ataíde Malcher

Revisão de Português

Celina Maria Luvizoto

Laura Cristo da Rocha

Vanda Bartalini Baruffaldi

Revisão Editorial

Débora Menezes

Consolidação Final dos textos

Silvânia Soares

Núcleo de Turismo da Universidade de São Paulo

Coordenação Geral: Profa. Dra. Beatriz H. Gelas Lage

Coordenação de Projetos

Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha

Coordenação Documentação

Profa. Dra. Regina A. de Almeida

Coordenação de Marketing

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Coordenação de Eventos

Prof. Dr. Edson R. Leite

Apoio



FBB – Fundação Banco do Brasil



USP – Universidade de São Paulo

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Gabriel Cohn

Departamento de Geografia - Chefe: Jurandyr Ross

LEMADI - Laboratório de Ensino e Material Didático

Coordenador: Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato

Técnica Responsável: Waldirene Ribeiro do Carmo



GTTP – Global Travel & Tourism Partnership

Diretora: Dra. Nancy Needham



Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH

Curso de Lazer e Turismo

Diretor: Dante De Rose Júnior

Coordenadora: Beatriz H. Gelas Lage

© MTUR/AVT/IAP/USP – 2007

Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida para fins educacionais e institucionais, desde que citada a fonte.

Ministério
do Turismo



MÓDULO I - INTRODUÇÃO AO ECOTURISMO

A HISTÓRIA DO ECOTURISMO.	8
TEMA 1: CONTEXTUALIZANDO O ECOTURISMO NO MUNDO ATUAL	9
Modalidades ou segmentos associados ao ecoturismo	10
O turismo Rural	10
O turismo de Aventura	11
TEMA 2: IMPACTOS PRODUZIDOS PELO ECOTURISMO	12
Efeitos da atividade turística em ambientes naturais	12
Avaliando os impactos do Ecoturismo	13
A interpretação da natureza ou interpretação ambiental	15
TEMA 3: CONDIÇÕES ATUAIS E TENDÊNCIAS DO ECOTURISMO NO SÉCULO XXI	16
Ecoturismo: um mercado em expansão no Brasil e no Mundo	16
Detalhes que fazem a diferença	17

MÓDULO II - PAISAGENS NATURAIS BRASILEIRAS

TEMA 1: NATUREZA E PAISAGEM	20
TEMA 2: COMPOSIÇÃO DA PAISAGEM	21
TEMA 3: ANALISANDO A PAISAGEM	22
TEMA 4: AVALIANDO A PAISAGEM	23
TEMA 5: PAISAGENS BRASILEIRAS	24
Zonas de transição	27

MÓDULO III - PLANEJAMENTO DO ECOTURISMO EM ÁREAS PROTEGIDAS

TEMA 1: AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E O TURISMO	32
Planos de manejo de Unidades de Conservação	33
TEMA 2: PLANEJAMENTO DO ECOTURISMO	34
Etapas do planejamento	34
A sustentabilidade do planejamento	34
Caracterização da oferta e da demanda	36
Roteiro para inventário da oferta turística	38
GLOSSÁRIO	40
BIBLIOGRAFIA	47

Módulo I



Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (MA)



Parque Nacional do Iguaçu (PR)

INTRODUÇÃO AO ECOTURISMO



Florianópolis (SC)

Crédito Fotos: Débora Menezes

Autores: Pedro de Alcântara Bittencourt César
Beatriz Veroneze Stigliano
Sidnei Raimundo



A HISTÓRIA DO ECOTURISMO

Neste módulo, você vai conhecer e discutir os principais conceitos relativos ao ecoturismo. Leituras, pesquisas e trabalhos extraclasse são parte das atividades que contribuirão para você compreender melhor as atividades turísticas em ambientes naturais.

O objetivo é levá-lo a descobrir algo mais sobre o ecoturismo e sua importância para o desenvolvimento da atividade turística.

O turismo é uma atividade que tem crescido muito nas últimas décadas, tanto no Brasil quanto em diversas partes do mundo. A EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) e o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC, na sigla em inglês) apontam que o número de estrangeiros que visitam o Brasil, anualmente, é de cerca de cinco milhões de pessoas, das quais mais de metade são provenientes de países da América do Sul, principalmente Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai; seguidos de Estados Unidos, Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Portugal.

No Brasil, alguns fatos importantes demonstram o crescimento do turismo. Investimentos do setor privado, com a construção de hotéis, parques temáticos e centros de convenção; assim como a criação de inúmeros cursos voltados à formação em turismo, desde cursos rápidos e técnicos até graduações (que atualmente são mais de 500, em todo o país) e pós-graduações. Por isso, a área precisa de profissionais capacitados, comunicativos e que, em algumas situações, tenham conhecimento de um idioma estrangeiro.

O turismo, como o conhecemos hoje, é uma atividade iniciada em 1841, com a realização da primeira viagem organizada de que se tem registro. Foi uma excursão, na Inglaterra, entre as cidades de Leicester e Loughborough. Um jovem pregador batista, Thomas Cook, teve a idéia de alugar um trem a fim de levar os fiéis de sua igreja a um congresso antialcoólico.

Para saber mais sobre esses assuntos, leia o livro, *Aprendiz de Lazer e Turismo* e o livro, *Passaporte para o Mundo*. Mas vale lembrar o conceito de turismo da Organização Mundial do Turismo, que é adotado no Brasil. Nesse conceito, o turismo é "uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações – compra e venda de serviços turísticos – efetuados entre os agentes econômicos do turismo, gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por quaisquer motivos, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita".

O turismo, quando comparado com outras atividades, como a industrial ou agrícola, costuma causar menos problema à natureza e às pessoas. Contudo, se mal planejado, pode promover grandes descaracterizações às paisagens naturais e culturais dos destinos turísticos.

Nos anos 1970 e 1980, houve uma expansão dos locais turísticos, os quais foram saturados com infra-estrutura, equipamentos e serviços de apoio ao turismo. Tratou-se de uma fase de excessos, acentuada pela baixa qualidade das casas e infra-estrutura das localidades turísticas, onde predominou o concreto, o crescimento desordenado, a arquitetura urbana, falta de controle de efluentes. Com isso, grandes extensões de áreas acabaram transformando-se de destinações turísticas em locais de segundas residências, desabitadas fora da temporada de visitação.

Vejam alguns exemplos problemáticos desse período:

- aumento e esgotamento de recursos naturais;
- grande quantidade de construções, descaracterizando a paisagem original;
- aumento da produção de lixo e esgoto;
- alteração de ecossistemas naturais devido à introdução de espécies exóticas (de fora da localidade) de animais e plantas;
- compra de lembranças produzidas a partir de elementos naturais escassos;
- descaracterização cultural, com perda de valores tradicionais;
- aumento do custo de vida, gerando inflação;
- geração de fluxos migratórios para áreas de concentração turística; e
- adensamentos urbanos não planejados; favelização.

Fonte: Bernaldez (1994)

Mas esse modelo turístico está se esgotando e novas formas de praticar o turismo, respeitando a natureza, começam a se consolidar. Essa nova abordagem será discutida no tópico 2 e no módulo III deste livro.

O ecoturismo surgiu também por causa desses problemas causados pelo turismo. Alguns turistas não estavam interessados nos padrões de consumo desse modelo indicado no parágrafo anterior. Assim, após a década de 1980,



Caverna no Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira, em Iporanga (SP)

Crédito: Débora Menezes

ocorreu uma renovação da atividade, com o enaltecimento da calma, das aventuras e o desejo por conhecer de forma mais aprofundada as regiões visitadas.

Foi durante as duas últimas décadas do século XX que o Ecoturismo passou a ser visto como possibilidade de proporcionar benefícios tanto para a natureza quanto para a sociedade (as pessoas que trabalham com o turismo, assim como as comunidades moradoras de locais turísticos).

Esses benefícios foram motivados após a conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente na cidade do Rio de Janeiro em 1992 - a chamada Rio-92. Nessa conferência, consolidou-se o termo *desenvolvimento sustentável*. Para aprofundar sobre as premissas do desenvolvimento sustentável, veja o livro, *Ética, Meio Ambiente e Cidadania para o Turismo*.

Em linhas gerais, o conceito de sustentabilidade aponta diretrizes sobre o modo como os seres humanos enxergam e se relacionam com a natureza. Isso acabou por estimular o interesse global e o grande crescimento do ecoturismo como uma estratégia de desenvolvimento sustentável.

Assim, começou a surgir um turista interessado em ambientes conservados e as instituições que trabalham com turismo passaram a estabelecer diretrizes políticas para um turismo sustentável. Veja alguns encontros ao longo da década de 1980 que contribuíram, ao lado de novas aspirações dos turistas, para a estruturação de um turismo alternativo ou brando, as raízes do ecoturismo:

- em 1980, uma conferência da OMT, que é considerada um marco nas mudanças de direção do turismo;
- em 1981, é estabelecido em Bancoc, na Tailândia, a Comissão Ecumênica em Turismo do Terceiro Mundo (ECTWT), que propõe apoio aos modelos de turismo alternativo desses países;
- em 1989, na Polônia ocorre um encontro sobre perspectivas teóricas em formas alternativas de turismo e
- também em 1989, na Argélia, realiza-se um seminário sobre turismo alternativo da OMT, do qual surge a proposta de *turismo sustentável*.

Baseado em Paulo Pires (2002)

Atualmente, o ecoturismo se expande aproximadamente 20% ao ano. No Brasil, em 2001, 13,2% dos estrangeiros que visitaram o país eram ecoturistas. Esse crescimento do turismo na natureza reflete mudanças muito importantes na forma como os seres humanos observam e interagem com o ambiente natural.

Mas o turismo em ambientes naturais ainda vem sendo desenvolvido de forma bastante restrita e com ações isoladas. Dessa forma, o grande potencial natural e cultural existente ainda não é plenamente aproveitado como alternativa de desenvolvimento econômico e social para as comunidades locais e como propulsor da conservação e da proteção do ambiente natural. Por isso, faz-se necessária a ação conjunta de governantes, iniciativa privada, entidades do terceiro setor e comunidades, de forma que os recursos existentes nos ambientes naturais sejam aproveitados de maneira sustentável.



O termo *ecoturismo* foi criado no início da década de 1980. Trata-se de uma atividade turística desenvolvida em áreas naturais em que o visitante procura algum aprendizado sobre os componentes do local visitado. Safáris fotográficos, estudos do meio e observação da fauna são algumas das possibilidades que o ecoturismo oferece. É baseado, assim, em atrativos naturais variados como cachoeiras, rios, lagos, grutas, montanhas, fauna e flora. Necessita, portanto, de um ambiente pouco alterado pelo homem para suas práticas.

Em 1994, o Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT) e o Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal (MMA), empresários e consultores formaram um Grupo de Trabalho. Esse grupo formulou as *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*, na qual a atividade foi assim definida:

Segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

Por essa definição, podemos perceber que o ecoturismo precisa ser praticado de uma forma sustentável. As atividades planejadas não podem promover degradações na natureza; ao contrário, deve contribuir para sua conservação. Para uma prática turística ser entendida como ecoturística, ela também precisa propor ações para que o turista seja informado e sensibilizado para a conservação e importância das áreas visitadas. Isso pode ser feito por meio de técnicas de interpretação ambiental. Esse assunto será tratado no tema 2 deste módulo. Finalmente, o ecoturismo deve envolver a comunidade local nas decisões de implantação de atividades e serviços do turismo, garantindo que as aspirações dessas comunidades sejam atendidas.

É nesse conjunto de procedimentos e preocupações que o ecoturismo se embasa. Não respeitar quaisquer desses preceitos não é praticar o ecoturismo.

Aprofundando um pouco mais essas informações, leia o trecho da página seguinte, escrito por um pesquisador do tema e discuta com seu professor e colegas:

Na perspectiva de oferecer mais uma solução possível à questão da preservação ambiental, adquiriu grande expansão um conjunto de novas práticas turísticas sob essa denominação. Como alternativa ao *mercado*, tende a privilegiar áreas de natureza praticamente intocada, adotando o discurso preservacionista e da sustentabilidade, conforme pronunciam entidades de referência internacional como a *Ecotourism Society* (www.ecotourism.org) (...). O ecoturismo delimita, a princípio, uma ruptura com as formas tradicionais de visitar a natureza, ao pautar-se pela busca prioritária da preservação dos ecossistemas e pela sustentabilidade da atividade, tomada inclusive como forma de viabilizar economicamente a própria preservação ecológica.

No final do século XX, o amplo debate em torno de temas como a poluição urbana, o estresse cotidiano, a valorização da biodiversidade e a preservação ambiental, possibilitaram o advento de novas práticas e discursos no âmbito do turismo direcionado à natureza. Intensifica-se progressivamente a busca de áreas naturais, para muito além das zonas costeiras tropicais (o tradicional binômio praia-sol) (...).

(Jesus, 2003: 81-82)

Dessa forma, o ecoturismo constitui-se num conjunto de princípios de respeito à natureza e à cultura local. Para ser seu praticante, também é preciso compreender e respeitar essas dimensões. Uma delas é o perfil do ecoturista. Quem é ele? Quais são suas necessidades e aspirações?

Os ecoturistas, geralmente, apresentam elevado grau de instrução: muitos concluíram um curso superior e preferem locais que respeitem as culturas tradicionais e a natureza. Eles querem aprender e buscam informações e esclarecimentos nas destinações visitadas.

Os esclarecimentos requisitados pelos ecoturistas dizem respeito, principalmente, às características da natureza, ou seja, são pessoas que se apresentam motivadas para aprender sobre rios, montanhas, oceanos, florestas, árvores, flores e fauna silvestres. No entanto, não se preocupam apenas em observar uma paisagem ou elemento da natureza, mas também em sentir e perceber algo mais de seu valor, por exemplo: a importância da natureza para a sociedade, seu valor histórico, produção de recursos (alimentos e matéria-prima), oportunidades de reflexão, contemplação, controle de processos (controle de erosões e inundações, fotossíntese e produção de biomassa), entre outros. Procuram, além do rico contato com a natureza, vivenciar novos estilos de vida e esperam ver o dinheiro que gastam em suas viagens, contribuindo para a conservação e para o benefício da economia local.

O ecoturista aceita um guia mais descritivo e espera o fornecimento de um nível apropriado de explicação sobre a natureza e a cultura das localizações visitadas. Sendo assim, as pessoas que trabalham com o ecoturismo devem ser capazes de explicar conceitos, significados da natureza, de entender a estrutura e a dinâmica básica dos ecossistemas e das paisagens naturais, e ser capazes de explanar sobre as conseqüências das mudanças promovidas pelo ser humano, considerando os princípios básicos da conservação da natureza.

É bom lembrar que os conhecimentos *necessários* adquiridos por meio de livros e cursos devem estar associados e não substituir a familiaridade com o meio, que é uma ferramenta poderosa para os guias de ecoturismo. Os conhecimentos já existentes na comunidade local devem ser reconhecidos, valorizados e utilizados na explicação sobre a natureza.

Modalidades ou segmentos associados ao ecoturismo

Com base nas informações sobre ecoturismo apontados no tema anterior, é possível ainda verificar algumas especializações ou atividades a ele associadas.

Ressalta-se que há inúmeros conceitos e abordagens a respeito das modalidades de turismo na natureza. Assim sendo, apresentamos algumas possibilidades de turismo na natureza, que são variadas, indo do ecoturismo ao turismo rural, ao de aventura e outros, como o turismo cultural e o turismo de pesca, por exemplo.

O turismo Rural

Segundo a EMBRATUR, *turismo rural* é:

O conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade.

Assim, pode-se afirmar que o turismo rural é uma atividade que une a exploração econômica agropecuária com outras funções, como a valorização do ambiente rural e da cultura local (caipira, cabocla etc), sendo esses seus atrativos principais.

Como a atividade agropecuária é sazonal, ou seja, só ocorre em alguns meses do ano (época do plantio, irrigação, colheita etc), e, como a turística, é sazonal (os períodos de férias e feriados etc), essas duas atividades devem ser pensadas de uma forma associada. O turismo vem a complementar a renda dos proprietários rurais, não devendo ser, no entanto, a única fonte da qual dependem.

Além disso, a criação de meios para manter o homem no campo proporciona a resolução de dois problemas cruciais: desacelerar o crescimento urbano e frear o êxodo rural dos pequenos municípios e vilarejos. Nesse contexto, a atividade turística contribui para alguns dos problemas encontrados no campo.

Inúmeras razões justificam o crescimento do turismo rural:

- a ampliação e melhoria das estradas e dos meios de comunicação que ligam os centros urbanos ao meio rural, reduzindo o tempo de deslocamento e o isolamento entre esses espaços;



Passeio a cavalo no interior de Santa Catarina

Crédito: Débora Menezes

- a expansão das residências secundárias e dos sítios voltados ao lazer e condomínios;
- o *stress* e o crescente custo de vida urbano, decorrentes do crescimento intenso e desordenado das cidades;
- a busca pela volta às origens rurais dos antepassados.

O que se destaca, no turismo rural, é a prática da atividade turística que envolve os elementos do campo, lembrando que esses elementos são o homem, seus costumes, tradições e produção, a paisagem, entre outros.

Atividades

- 1) Pesquise uma propriedade rural que ofereça atividades de turismo. Caracterize-a, levantando seus atrativos, serviços existentes e mão-de-obra (É do local? Recebe algum treinamento específico? Trabalha com atividades não-turísticas na propriedade?). Verifique, também, as características dos visitantes.

O turismo de Aventura

A busca por atividades de aventura em ambientes naturais apresentou um forte crescimento nos últimos 15 anos. Foram criadas diversas empresas que têm como produto inúmeras práticas, ou esportes, chamados de aventura, como *rafting* (descidas, com botes infláveis, em rios com forte correnteza), *rapel* (descidas, com cordas, de penhascos ou cachoeiras), pára-quedismo, vôo livre.

Em oficina realizada pela Embratur, em 2001, em Caeté (MG), o *turismo de aventura* foi definido como:

Segmento do mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional ao ar livre, envolvendo emoções e riscos controlados e exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural.

Pode-se dizer que o crescimento das viagens junto à natureza relacionadas, ao turismo de aventura, resulta do cruzamento de duas tendências atuais: a expansão dos esportes de aventura e a valorização do consumo de cenários naturais, por meio da atividade turística. A superação de limites juntamente com a busca por novas emoções e adrenalina são objetivos comuns entre os adeptos.

Vale a pena ressaltar que tem se tornado cada vez mais comum a organização de viagens, envolvendo a prática de atividades de aventura, visando a desenvolver o espírito de equipe entre os participantes. Essas viagens vêm sendo utilizadas como instrumento para motivar funcionários de empresas de vários setores, estimulando a integração, desenvolvendo paciência, tolerância e companheirismo, além de outras habilidades como equilíbrio, força, coordenação, estratégia, etc.

Leia o texto a seguir sobre Brotas (SP), importante destino turístico do Brasil, conhecida pela prática de *rafting*, entre outras atividades de aventura:

Em 1993, um grupo local de ecologistas fundou em Brotas a agência "Mata dentro Ecoturismo". Oferecendo leque sortido de opções de esportes de aventura, com trinta guias especializados, a cidade recebe seiscentos turistas mensalmente, tornando-se na opinião de diversas agências a "capital paulista dos esportes radicais". Funciona ali o "Raid Brotas Discovery", uma espécie de escola de esportes de aventura, destinada a iniciar novos adeptos, ou seja, novos consumidores do produto oferecido naquela região. Pensa-se em se fundar na cidade uma biblioteca/vidéoteca pública temática, dedicada exclusivamente aos esportes de aventura. (...) A pequena cidade vem se reestruturando completamente para atender à nova demanda.

(Jesus, 2003: 85)

É interessante notar que, do fluxo de turistas de aventura em Brotas, 80% provêm da capital paulista.

Um indicador do crescimento do turismo de aventura é o número de frequentadores de eventos de aventura como a *Adventure Sports Fair*, feira anual do setor, que acontece em São Paulo, desde 99, quando recebeu 42 mil visitantes. Outro indicativo é o aumento do número de empresas e do volume de vendas no setor de equipamentos, vestuário e calçados para aventura ao ar livre.

Atividades

- 1) Com os alunos divididos em grupo, discutir sobre viagens feitas, localidades visitadas, tipos de atividades desenvolvidas, se já estiveram em algum destino de turismo na natureza, que atrativos conheceram. Abordar como foi a experiência.
- 2) Pesquise se há alguma modalidade de turismo em ambiente natural em sua cidade ou região.
- 3) Se existir, descreva as principais características da área e as atividades oferecidas.
- 4) Busque imagens dessas várias modalidades de turismo na natureza e identifique as principais características presentes nelas.
- 5) Discutir: O que você entende por patrimônio? Dê exemplos de patrimônios culturais e naturais de sua localidade. (Para esse assunto, consultar o livro *Cultura e Turismo*)



Rafting no rio Cachoeira, em Antonina (PR)

IMPACTOS PRODUZIDOS PELO ECOTURISMO

Neste tópico, destacamos os impactos (positivos e negativos) que o turismo e ecoturismo podem produzir no meio ambiente. Apresentamos também algumas ferramentas ou técnicas de avaliação de impactos para aumentar os positivos, como a interpretação ambiental, e para reduzir os negativos, como os estudos de capacidade de carga e o manejo do impacto da visitação (VIM, da sigla em inglês).

Efeitos da atividade turística em ambientes naturais

Qualquer atividade humana tem *efeitos* sobre a área em que é realizada. A natureza desse efeito pode ser econômica, sociocultural, ambiental, entre outras. Da mesma forma, o turismo gera efeitos, ou impactos, sobre a localidade visitada e sobre os recursos naturais, especificamente, pois estes constituem a base para o desenvolvimento do ecoturismo.

Os possíveis efeitos ou impactos da atividade turística sobre um ambiente natural são vários. Eles não são, necessariamente, negativos. Podem também ser positivos, configurando-se como impactos *econômicos*, *ambientais* (ou físicos) e *socioculturais* da localidade visitada. Devemos, então, cuidar para que os efeitos negativos sejam controlados, de forma que a área seja conservada e que sejam gerados benefícios a todos os elementos envolvidos (natureza e comunidade local).

A fragilidade dos ecossistemas naturais, muitas vezes, não comporta certas atividades, como o tráfego excessivo de veículos. Por outro lado, a infra-estrutura necessária, se não atendidas normas pré-estabelecidas, pode comprometer de maneira acentuada o meio ambiente, com alterações na paisagem, nas águas, na vegetação, na fauna. Importante também é o cuidado com as populações locais para que elas também possam usufruir os benefícios do turismo. A busca de alternativas ao turismo tradicional, ou de massa, tem levado à exploração de lugares novos, em muitos casos, com ecossistemas frágeis que correm o risco de degradação se não forem respeitadas suas características.

Apresentamos, a seguir, alguns dos possíveis efeitos da atividade turística em ambientes naturais, baseados em alguns pesquisadores como Mathieson e Wall, 1982; Bernaldéz, 1992; Western, 1995; Lage e Milone, 2001:

Efeitos econômicos positivos:

- Geração de empregos;
- Diversificação da economia regional, com a criação de micro e pequenos negócios;
- Fixação da população no local, evitando o êxodo rural;
- Desenvolvimento e melhoria da infra-estrutura de transportes, comunicações, saneamento, iluminação, etc.

Efeitos econômicos negativos:

- Instalação de segundas residências, prejudicando espaços e fontes de renda da população;
- Possíveis desvios dos recursos econômicos gerados na localidade pelo envio de divisas para fora dela (pagamento de salários de trabalhadores de outras cidades ou de produtos comprados fora do município, por exemplo);
- Aumento de preços de produtos em geral – inflação;
- Especulação imobiliária.

Efeitos socioculturais positivos:

- Valorização da herança cultural material e imaterial (festas, costumes, danças, culinária, artesanato);
- Orgulho étnico;
- Intercâmbio cultural;
- Conservação de locais históricos, preservando a arquitetura local;
- Resgate e perpetuação de atividades típicas da comunidade;
- Fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Efeitos socioculturais negativos:

- Descaracterização da vida social local;
- Relacionamento precário entre turistas e moradores, gerando tensões;
- Aumento de problemas sociais como uso de drogas, prostituição e violência;
- Degradação do patrimônio histórico e cultural.

Efeitos ambientais positivos:

- Diminuição do impacto sobre o patrimônio natural;
- Criação de alternativas de arrecadação para as Unidades de Conservação;
- Aumento da consciência da população local e dos turistas sobre a necessidade de proteção do meio ambiente;
- Ajuda na conservação das áreas naturais;
- Criação de novas áreas protegidas;
- Conservação da biodiversidade;



Em Jericoacoara (CE), a inusitada coleta de lixo

Crédito: Débora Menezes

- Melhoria da infra-estrutura nas áreas naturais;
- Maior fiscalização por parte dos moradores, turistas e órgãos competentes.

Efeitos ambientais negativos:

- Poluição sonora, visual e auditiva;
- Desmatamento;
- Introdução de espécies animais e vegetais exóticas;
- Prejuízos a espécies em seus hábitos alimentares, migratórios, etc.;
- Aumento na geração de lixo, esgoto e problemas com saneamento básico;
- Ocupação inadequada do solo.

De forma geral, deve-se atentar para alguns aspectos quando se pensa no desenvolvimento do turismo em ambientes naturais como, por exemplo: as instalações e infra-estrutura adequadas e incorporadas à paisagem do local; a preocupação com a coleta de lixo e tratamento de esgoto; a poluição sonora e do ar; o tipo de atividade a ser desenvolvida, de acordo com as características do meio e dos recursos naturais. Para os moradores locais, deve-se buscar seu envolvimento, com participação ativa seja no planejamento e organização do turismo, para que sejam gerados benefícios, seja acompanhando a interação com os turistas.

Alguns destinos turísticos no mundo mostram sinais de crise e estresse, que exigem uma mudança de atitude dos agentes envolvidos na atividade turística. Vários exemplos existem em que o turismo vem ameaçando a qualidade do ambiente natural. O entorno das metrópoles e a orla, que apresentam uma vocação de turismo e veraneio (segunda residência e chácaras de final de semana) são grandes exemplos brasileiros.

Há que lembrar, todavia, que tanto os benefícios do ecoturismo como os problemas dele decorrentes são *potenciais*, isto é, dependem fundamentalmente do modo como seu planejamento, implantação e monitoramento forem organizados e realizados. Sabendo-se que o turismo em ambientes naturais pode trazer conseqüências indesejadas, deve-se sempre ter em mente que há necessidade de constante monitoramento. Além disso, alguns instrumentos de planejamento de uso e ocupação das terras, o plano diretor e o zoneamento ecológico e econômico, entre outros, são importantes aliados na minimização de impactos do turismo.

Deve-se, também, entender que o grau dos efeitos gerados pelos visitantes pode variar, dependendo da sensibilização e conhecimento do turista, do tamanho do grupo, do preparo dos guias e monitores¹, de estruturas adequadas para receber o turista, como sanitários, cestos e sistema de coleta do lixo gerado, trilhas definidas, cuidados com a contenção do solo para evitar erosão e deslizamentos, etc. Deve-se, assim, atentar para as várias maneiras de diminuir os efeitos negativos da atividade.

Atividades

- 1) Que tipo de cuidados você acredita serem importantes quando se faz uma atividade (uma caminhada, por exemplo) em um ambiente natural?
- 2) Cite outros exemplos de efeitos da atividade turística sobre uma área natural, tanto positivos, quanto negativos.
- 3) Se houver turismo em ambientes naturais em seu município (ou na região), pesquise quais são seus principais efeitos. Indique se ocorreram mudanças na natureza, nas construções e nos costumes das pessoas após a chegada do turismo. Entreviste os anciãos da região para ter maiores informações do passado.

Avaliando os impactos do Ecoturismo

Para pensar o significado dos impactos em áreas naturais, dois aspectos devem ser considerados: (1) que a maior parte dos ecossistemas seja mantida sem qualquer distúrbio e (2) que a evidência dos impactos não seja notada pelos visitantes. O primeiro aspecto associa-se à proteção da área e o segundo à proteção da qualidade da experiência dos visitantes. Ambos são importantes, mas a questão principal consiste na manutenção da integridade dos ecossistemas.

O uso de áreas naturais com atividades ecoturísticas não afeta substancialmente os ecossistemas, pois, na maioria dos casos, ocorre de forma concentrada em algumas áreas como trilhas ou destinações mais populares. Entretanto, algumas outras ameaças não direta ou exclusivamente relacionadas ao turismo podem causar problemas em ecossistemas delicados, como: despejo de esgotos, incêndios, caça, introdução de espécies exóticas, acampamento em margens de rios.

Os impactos causados pela recreação afetam a paisagem de uma determinada área, interagindo com todos os seus elementos, sendo que a água, a fauna, a flora e o solo são os que possuem maiores estudos sobre impactos da recreação em áreas naturais. Assim, é importante que a paisagem seja entendida e analisada como um todo, como cada elemento interagindo em um determinado ecossistema, auxiliando dessa forma numa melhor gestão e administração do recurso natural.

Assim, uma série de técnicas foram desenvolvidas para potencializar os impactos positivos e reduzir os negativos. Passamos agora a discutir as principais técnicas.

¹ Guia de turismo é o profissional que, devidamente cadastrado na EMBRATUR, exerce as atividades de acompanhamento, orientação e transmissão de informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializadas. O monitor é um condutor de visitantes não credenciado pela EMBRATUR. O monitor ambiental é uma figura muito presente nas atividades de turismo na natureza e, quando residente no local visitado, é conhecido também como monitor local.

Técnicas de Avaliação de Impactos da Atividade Ecoturística

Estudos recentes visam a garantir espaços para visitação e para conservação de recursos naturais e culturais, focados principalmente no “manejo”² do visitante. Levam-se em consideração informações como o comportamento do visitante, o tipo de infra-estrutura construída para o atendimento, o tipo de ambiente visitado e as comunidades residentes.

Dessa forma, para minimizar os impactos negativos do turismo, é necessário utilizar instrumentos de controle. Existem diversas ferramentas que objetivam contribuir para o controle de impactos, utilizadas em áreas naturais de países como Estados Unidos, Canadá, Austrália, Costa Rica e Brasil, entre outros. Indicamos, a seguir, algumas técnicas mais consagradas para o manejo do visitante e avaliação de impactos à natureza e à cultura do local visitado.

Capacidade de Carga Turística

O primeiro método aplicado ao controle de impactos do turismo foi a capacidade de carga. O conceito de capacidade de carga envolve considerações científicas e outros mais subjetivos, apresentando uma grande quantidade de aspectos que devem ser avaliados.

Definições de capacidade de carga recreativa ou turística³ geralmente incorporam dois aspectos centrais: primeiro, o componente da natureza que se refere à integridade dos recursos; segundo, o aspecto comportamental, que reflete a qualidade da experiência turística. Dessa forma, a *capacidade de carga turística* pode ser definida como: “O número máximo de pessoas que podem utilizar um ambiente de lazer sem causar um declínio inaceitável na qualidade da experiência recreativa” (Mathieson e Wall, 1982:184).

Ou seja, a capacidade de carga turística é a quantidade máxima de pessoas que um local suporta, a fim de não causar efeitos negativos excessivos sobre o ambiente e sobre a experiência do visitante.

Estudos de capacidade de carga turística em áreas naturais consideram vários fatores de análise, como:

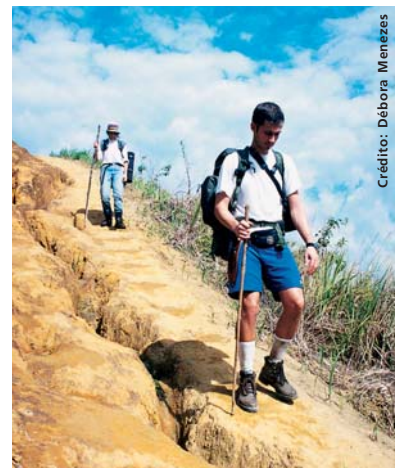
- tamanho da área e espaço utilizável pelo turista;
- fragilidade do ecossistema a ser visitado;
- recursos naturais: número, diversidade e distribuição das espécies vegetais e animais;
- relevo e hidrografia;
- sensibilidade e mudanças de comportamento de espécies animais diante dos visitantes;
- percepção ambiental dos turistas;
- disponibilidade de infra-estrutura e facilidades;
- oportunidades existentes para que os visitantes desfrutem dos recursos.

É possível dizer que os níveis de capacidade são influenciados por dois grupos de fatores:

- características dos visitantes/turistas (quantidade de visitantes, atividades praticadas, etc.);
- características da área de destinação e da população local (nível de dificuldade de acesso, características naturais, grau de isolamento dos habitantes, etc.).

Geralmente, em uma área com o objetivo de fornecer atividades de lazer aos visitantes, a capacidade de carga é maior do que se ela fosse destinada à educação ambiental.

Há dois tipos principais de capacidade de carga turística. Uma refere-se ao espaço físico onde acontece a atividade; a outra é a capacidade de carga psicológica, que diz respeito à sensação que o visitante tem sobre o local, se sente que está cheio demais, ou se o número de pessoas está adequado, ou mesmo baixo. Contudo, no final dos estudos, estabeleceu-se o número máximo de pessoas que um local pode suportar. Disso aparecem algumas críticas, pois se trata de um estudo quantitativo, sem considerar as necessidades, aspirações ou comportamento dos visitantes.



Em Paraty (RJ), exemplo de trilha com erosão

Atividades

- 1) Discuta com seus colegas sobre a capacidade de carga. Anote exemplos de situações em que a capacidade de carga física de um lugar foi atingida. Pense em algum atrativo turístico que costuma visitar e analise sua capacidade de carga turística.
- 2) Que medidas poderiam ser adotadas para diminuir a pressão causada pela visitação a atrativos que você conhece?

Manejo do Impacto da Visitação (VIM⁴)

É um método desenvolvido também sobre o impacto da visitação. Mas, ao contrário da capacidade de carga, não está focado no estabelecimento de um número de pessoas, mas sim nas causas potenciais dos problemas que afetam uma área visitada e na seleção de estratégias (nem sempre quantitativas) para a solução dos problemas.

- identificação do problema e seu estado ou condição;
- determinação das causas potenciais;
- seleção das estratégias de manejo potenciais.

² Manejo: conjunto de medidas e ações para gerenciar ou administrar uma determinada atividade.

³ Os dois termos são, normalmente, utilizados como sinônimos. Vamos aqui, apenas para facilitar a leitura, utilizar o termo *capacidade de carga turística*.

⁴ Sigla do nome em inglês - *Visitor Impact Management*

O objetivo dessa técnica é manter os impactos dentro de níveis aceitáveis a partir de critérios pré-estabelecidos. Para tanto, é necessário o estabelecimento de *indicadores* de impacto.

O VIM foca a identificação das relações entre o impacto e os padrões de visitação. Para tal, busca levantar indicadores. Por exemplo:

- indicadores físicos: propriedade do solo, ou número de erosão numa trilha;
- indicadores biológicos: quantidade de bromélias ao longo de uma trilha, proporção de espécies exóticas (de fora do local) e
- indicadores sociais: número de encontros de visitantes numa trilha ou atrativo, grau de satisfação.

Assim, o VIM busca elencar um certo número de indicadores, ou seja, algo de fácil observação e medição. E, a partir deles, realizar o monitoramento a fim de verificar se algum tipo de visita (por exemplo, passeios a pé, com bicicleta, a cavalo, etc.) causa problemas nas características originais do local. E isso pode ser percebido por alterações nos indicadores selecionados.

Uma vez identificado um problema, esse método tenta buscar soluções que não sejam necessariamente a redução do número de pessoas, mas intervenções ou mudanças de atitudes ou comportamentos que garantam a continuidade da visita e protejam o recurso natural ou cultural.

Atividades

- 1) Levante com seus colegas indicadores físicos, biológicos ou sociais de uma área visitada em sua região. Durante o semestre letivo, acompanhe (faça um monitoramento) da área, verificando se os indicadores selecionados estão se modificando. Caso estejam, avalie as causas e proponha soluções para minimizar os problemas.

A interpretação da natureza ou interpretação ambiental

A interpretação ambiental consiste em um conjunto de técnicas para garantir a experiência de visitação. Isso é realizado por meio da transmissão de informações a respeito das características da natureza e da cultura local ao público visitante.

Um programa de interpretação ambiental pode enriquecer a experiência do visitante, pois permite que este entenda melhor o que está sendo vivenciado, relacionando o conteúdo da interpretação com a experiência.

Assim, a interpretação ambiental ou da natureza é uma técnica didática, flexível e moldável às mais diversas situações, que busca esclarecer os fenômenos da natureza para determinado público-alvo, em linguagem adequada e acessível, utilizando os mais variados meios auxiliares para tal.

Entendem-se como meios auxiliares as diversas estratégias para transmitir (interpretar) uma informação para o visitante. Pode ser um recurso áudio-visual, um filme, placas ao longo de um trajeto - trilhas interpretativas -, a capacitação de um guia, mapas e folheteria, entre outras estratégias. É importante que a técnica de interpretação não fique restrita apenas a um meio. Ao contrário, deve-se buscar uma complementação desses meios para garantir uma melhor transmissão da informação.

Porém, seja qual for o meio utilizado, é importante que ele respeite alguns princípios, tais como:

- qualquer interpretação que não relaciona, de alguma forma, o que se está exibindo ou descrevendo, com algo da personalidade ou experiência do visitante será de difícil entendimento;
- a interpretação inclui informação;
- a interpretação é uma arte e pode ser ensinada;
- o propósito principal da interpretação é a provocação, ou seja, avivar a curiosidade e o interesse;
- a interpretação dirigida a crianças deve ter programas e apresentações específicas, relacionadas à faixa etária e ao seu desenvolvimento cognitivo;
- a interpretação deve apresentar os fenômenos em sua totalidade, evitando apresentar apenas partes isoladas dele. Por exemplo: falar da árvore, mas não contextualizar o ambiente em que ela se instalou; sua relação como o clima, com o solo e a utilização humana da árvore.

Dessa forma, a interpretação é um meio de aumentar o valor da experiência do ecoturista, pois o local torna-se mais interessante quando se conhece algo a mais, ou seja, não basta observar a natureza como um cenário, uma fotografia ou uma pintura; é necessário evidenciar as relações entre os elementos naturais que compõem e se relacionam nessa paisagem. Com isso, o ecoturista pode entender e valorizar o local visitado, mantendo uma postura de respeito e evitando impactos indesejáveis.

Para uma interpretação bem-sucedida, recomenda-se envolver as pessoas ativamente no processo de aprendizado, procurando estimular todos os órgãos dos sentidos, explicando a utilidade do conhecimento que está sendo adquirido e executando experiências diretas.

Atividades

- 1) Com os colegas, faça uma pesquisa das características naturais e culturais de um local visitado em sua região. Transforme os resultados de sua pesquisa em informação para o visitante. Não se esqueça de utilizar vários meios para isso: uma cartilha, um mapa, placas de explicação (interpretação), entre outros.

CONDIÇÕES ATUAIS E TENDÊNCIAS DO ECOTURISMO NO SÉCULO XXI

Nesse tema, abordam-se as principais diretrizes políticas brasileiras para a implantação adequada de atividades de ecoturismo, destacando algumas tendências desse segmento. Traçam-se também algumas recomendações diferenciais para o sucesso dessa atividade.

Os Pólos de Ecoturismo e a Agenda 21

A EMBRATUR, em parceria com o Instituto de Ecoturismo do Brasil (IEB), identificou 96 regiões, no Brasil, para o desenvolvimento do ecoturismo, conhecidas como *Pólos de Ecoturismo*, espalhadas por vários estados.

Esse projeto teve como objetivo identificar as localidades brasileiras onde a prática do ecoturismo vem ocorrendo e aquelas onde essa prática pode ocorrer. Os pólos de ecoturismo tentam contribuir para preservar as riquezas da natureza e valorizar a cultura e as tradições populares, destacando as diferenças regionais brasileiras.

São identificados o potencial natural das áreas, sua fauna e flora, relevo e paisagem, e as condições da infra-estrutura nos locais onde o ecoturismo se apresenta como uma alternativa de desenvolvimento.

A *Agenda 21* é um programa de ação, baseado em um documento de 40 capítulos que constitui a mais ousada e abrangente tentativa já realizada de promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. A *Agenda 21* foi um documento discutido na RIO-92.

Mais do que um documento é um processo de planejamento participativo, que analisa a situação atual de um país, estado, município e/ou região, que planeja o futuro de forma sustentável. Esse processo de planejamento deve envolver todas as pessoas na discussão dos principais problemas e na formação de parcerias e compromissos para a sua solução a curto, médio e longo prazo. Em outras palavras, o esforço de planejar o futuro, com base nos princípios de *Agenda 21*, gera produtos concretos, exequíveis e mensuráveis, derivados de compromissos pactuados entre todas as pessoas.

Os preceitos da *Agenda 21* vêm sendo aplicados ao turismo. Neste campo, ela defende um processo participativo de tomada de decisões, com forte envolvimento da comunidade local e estímulo às lideranças comunitárias. A *Agenda 21* voltada ao turismo reforça a preocupação com o desenvolvimento do turismo com respeito ao ambiente natural e à comunidade local.

Atividades

- 1) Pesquise informações sobre os pólos de ecoturismo. Existe algum próximo à sua cidade ou em seu estado? O que você acha que eles representam?
- 2) Busque informações complementares sobre a *Agenda 21* no Brasil e em sua região. Verifique se algum órgão municipal realiza trabalhos relacionados a ela.

Ecoturismo: um mercado em expansão no Brasil e no Mundo

Estima-se que 50 milhões de pessoas no mundo e meio milhão no Brasil praticam o ecoturismo. O crescimento anual estimado é de 20% no mundo e 10% no Brasil. As viagens voltadas à natureza representam 10% das viagens de americanos e europeus; a primeira intenção de viagem para os turistas que vão à Costa Rica e ao Quênia. De 4 a 6 milhões de moradores dos Estados Unidos fazem, por ano, turismo na natureza fora de seu país; no Brasil, existem cerca de 250 operadores e agentes especializados e mais de 2000 meios de hospedagem, sendo aproximadamente 220 *eco-hotéis*.

A participação do Brasil no mercado do ecoturismo ainda é muito pequena, considerando que o país tem potencial para desenvolver vários segmentos do turismo na natureza. Os principais destinos de ecoturismo da atualidade são:

- **Região Norte:** *Lodges* (hotéis de selva) localizados próximos a Manaus; rios da região; Parque Nacional do Pico da Neblina (AM); Serra do Navio e Fortaleza de São José (AP); Ilha de Marajó (PA); Monte Roraima (RR); Vale do Guaporé (RO); Xapuri (AC); Ilha do Bananal (TO);
- **Região Centro-Oeste:** Pantanal; Bonito (MS); Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO); Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (MT);
- **Região Nordeste:** Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha (PE); Delta do Parnaíba (PI) e Ilha do Caju (MA); Parque Nacional de Sete Cidades (PI); Parque Nacional da Chapada Diamantina; Parque Nacional Marinho de Abrolhos e Praia do Forte (BA);
- **Região Sudeste:** Parque Nacional de Itatiaia (RJ/MG); Floresta da Tijuca, Ilha Grande, Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ); Parque Nacional da Serra do Cipó, Parque Nacional de Ibitipoca (MG); Parque Estadual da Pedra Azul (ES); Parque Estadual Intervalos, Parque Estadual do PETAR, Parque Estadual da Juréia, Parque Estadual de Campos do Jordão, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual Ilha do Cardoso, Parque Estadual Serra da Bocaina e Lagamar (SP);



Parque Estadual da Pedra Azul, em Domingos Martins (ES)

- **Região Sul:** Parque Nacional dos Aparados da Serra; Parque Nacional da Lagoa do Peixe; Serras Gaúchas (RS); Ilha de Santa Catarina, Rio Itajaí-Açu (SC); Parque Nacional de Foz do Iguaçu, Parque Nacional do Superagüi, Parque Estadual de Viva Velha, Parque Estadual do Marumbi (PR).

Quanto às principais destinações ecoturísticas internacionais, no continente asiático, a Malásia e as Filipinas são os principais destinos; no continente africano, desponta a África do Sul; na América do Sul, a Amazônia peruana, o Equador, a Venezuela e, somente depois, o Brasil; na América Central, a Costa Rica; e, na América do Norte, os principais destinos estão no bem estruturado sistema de Parques Nacionais Norte Americanos, como Yellowstone e Iosemite.

Atividades

- 1) Pesquise se, em sua região, existe alguma localidade famosa pelo ecoturismo. Qual? Quais são suas características e atividades possíveis de serem desenvolvidas?
- 2) Você acredita que há possibilidade de realizar um trabalho conjunto com outros municípios para apresentar uma oferta mais abrangente? Se for o caso, o que os municípios de sua região poderiam oferecer?

Detalhes que fazem a diferença

A atividade turística em ambientes naturais requer uma série de cuidados para seu sucesso. É importante contar com um bom guia, dar atenção aos preparativos, à alimentação, aos equipamentos e materiais adequados e ao preparo do condutor para a resolução de imprevistos nas atividades de ecoturismo. Podemos pensar em qualquer atividade ecoturística, mas neste tópico se aborda, principalmente, uma das atividades mais comuns em ambientes naturais: a caminhada, ou trilha. Vamos lá?

Um bom guia local

É aquele que presta atenção aos detalhes e que se preocupa com o bem-estar dos visitantes. Ele deve ter curso preparatório, compromisso com o projeto e com práticas de mínimo impacto; capacitação em técnicas de condução e interpretação; simpatia, personalidade e noções de relações pessoais, habilidade para se comunicar; conhecimentos sobre o atrativo e a região; conhecimentos de primeiros socorros e de como agir em vários tipos de emergências.

Antes de começar a atividade em ambiente natural

É importante: conhecer o local por onde passará o grupo; obter permissão, quando necessário (propriedade particular, UC, área indígena, área de extração); saber que tipos de animais e plantas existem na área (além de ser útil para explicar aos turistas, é importante para evitar e tratar acidentes); traçar o roteiro, com previsão de tempo de percurso, paradas e horário de retorno (deixar pessoas avisadas sobre essa programação); traçar um perfil dos visitantes - saber se alguém tem algum problema de saúde, se toma medicação e conhecer o preparo físico dos membros do grupo.

Alimentação

É importante darmos ao visitante a possibilidade de experimentar a culinária típica do local, algo de que os turistas gostam muito.

Quando se vai fazer uma trilha, no entanto, é importante prestar atenção ao cardápio, que deve incluir alimentos de fácil digestão, leves e que forneçam bastante energia para a atividade. Deve-se lembrar sempre a importância da higiene no preparo dos alimentos, além da boa apresentação dos pratos.

Todos que vão participar de uma atividade física devem levar água e um lanche, como: sanduíches reforçados, preferencialmente com pão integral; queijos de consistência dura; uva passa ou outras frutas secas; castanhas; barra de cereais; biscoitos; frutas frescas (banana, laranja, goiaba, maçã).

Equipamentos, vestuário e materiais adequados

Em alguns casos, para melhor aproveitamento do local, são necessários equipamentos e materiais especiais, como binóculos para observação, máscaras e *snorkel* (equipamento para mergulho sem garrafa de ar); roupas especiais (de neoprene, por exemplo, para alguns esportes na água); repelentes de insetos, botas, capacetes (para *rafting*, espeleologia, etc.); cordas (para *rapel*, por exemplo); lanternas; coletes salva-vidas (obrigatórios para atividades em embarcações), etc.

Algumas recomendações quanto ao vestuário: deve atender às necessidades do ambiente; para clima quente, nada melhor do que roupas leves, confortáveis, resistentes e ventiladas; em regiões de clima frio, malhas de lã, gorros e luvas são necessários; calçados como botas e calças compridas (evitar *jeans*) dão maior proteção contra arbustos, espinhos e animais peçonhentos; levar itens que protejam do sol, como chapéus e bonés, e de mosquitos, como camisetas de manga longa; quando houver travessia de leitos d'água e pernoites, é importante levar uma muda de roupa.

Em caso de pernoite em acampamento selvagem, devem-se providenciar barracas, sacos de dormir, fogareiro, panelas e talheres, alimentação suficiente para as refeições, vela, álcool em gel ou benzina, entre outros equipamentos.

Com relação a como carregar os itens que estiverem sendo levados para a trilha, é importante levar tudo em uma mochila pequena, deixando as mãos livres.



Fonte: Microsoft Office Online

Preparo para imprevistos e problemas de saúde na trilha

Na hora de levar um turista a um ambiente natural, existe uma série de cuidados a serem tomados para que a experiência seja a melhor possível. Afinal, estamos lidando com pessoas que, muitas vezes, não têm muito preparo físico e, freqüentemente, nenhum conhecimento sobre o local visitado, o que implica uma grande responsabilidade. Por isso, é preciso atenção.

Alguns dos cuidados recomendáveis são: checar a disponibilidade de soro em postos de atendimento, para uso no caso de picadas de animais peçonhentos; avisar o corpo de bombeiros mais próximo sobre o grupo de pessoas e o local aonde se está indo; é necessário estar acompanhado de alguém com noções de primeiros-socorros.

Lembre-se: existem cursos específicos para a formação de guias de ecoturismo e, se você quiser seguir adiante nesta profissão, é importante buscar instrução complementar.

Tornando uma caminhada interessante

Agora, para finalizar, vamos pensar em algumas das principais etapas de uma caminhada guiada e seus objetivos, de forma a torná-la uma experiência agradável, considerando a interpretação ambiental como instrumento educativo na condução de grupos.

- **Preparação para a saída:** apresentação do guia e saudação aos participantes; informação sobre a duração e grau de dificuldade da caminhada; informação e verificação sobre roupas ou equipamentos necessários; recomendações sobre normas de conduta e de segurança; no caso de trilhas extensas, abordagem sobre condicionamento físico e prática de aquecimento e alongamento muscular; busca de cordialidade e clima amistoso, lembrando que, muitas vezes, atividades de recreação são muito bem-vindas para o entrosamento do grupo.
- **Introdução** (no local de saída ou próximo da primeira parada): apresentação do ambiente (ecossistema) a ser visitado; orientação sobre o objetivo e o tema da caminhada; motivação para a participação e criação de expectativa e curiosidade.
- **Ao longo das paradas (corpo):** apresentação do tema em cada uma das paradas; transmissão de informações pertinentes ao tema, sem fugir das idéias principais.
- **Conclusão (última parada):** reforço da mensagem; relação entre o tema e o que foi visto e discutido ao longo do caminho e finalização, com agradecimento do guia pela participação.

Para tornar uma caminhada mais dinâmica, algumas sugestões:

- ter à mão ajuda visual e material de apoio à comunicação, para uso tanto na introdução quanto nas paradas ou no final da caminhada (binóculo, trena, mapas, fotos, desenhos, gravações, amostra de solos, fantoches e bonecos), conforme o tema, o grupo e o local a ser percorrido;
- incorporar atividades curtas nas paradas, como medições, uso dos sentidos, jogos e adivinhações;
- fazer perguntas para envolver as pessoas. Elas servem para aumentar a atenção e podem ajudar em comparações, deduções, resoluções de problemas, demonstrações e avaliações;
- envolver os participantes na caminhada, estimulando a busca do que lhes interessa;
- estimular a percepção da caminhada como um momento de descoberta, tanto do ambiente ao redor, quanto de si mesmo.

Atividades

- 1) Pesquise alguns esportes de aventura e verifique que equipamentos e materiais são necessários para sua prática.
- 2) Fazer uma caminhada com seus colegas de sala e professores, planejando-a com antecedência. Anote tudo o que puder observar e aprender. Ao final, discuta com seus colegas e professores como foi a experiência.

Abreviaturas e Siglas

CBTS: Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável

CNUMAD: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

EMBRATUR: Instituto Brasileiro de Turismo

FUNBIO: Fundo Brasileiro para Biodiversidade

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IEB: Instituto de Ecoturismo do Brasil

IH: Instituto de Hospitalidade

IUCN: International Union for the Conservation of Nature and Natural Resources

OMT: Organização Mundial de Turismo

PROECOTUR: Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal

RPPN: Reserva Particular do Patrimônio Natural

UC: Unidade de Conservação

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

WCED: World Commission on Environment and Development

WWF: World Wildlife Fund (Fundo Mundial da Vida Selvagem)

WTTC: World Travel & Tourism Council

Módulo II



PAISAGENS NATURAIS BRASILEIRAS



Autor: João Carlos Nucci



Este módulo tem como finalidade despertar seu interesse pelo ambiente que o cerca para compreender melhor o meio em que vive e atuar sobre ele de forma consciente.

Nosso objetivo é permitir que você participe mais ativamente no planejamento e desenvolvimento de sua comunidade e da atividade turística que se realiza nela.



O ser humano, desde suas origens, procura transformar a natureza para satisfazer as suas necessidades. Nas primeiras sociedades humanas, a relação com a natureza era de trabalho e convivência direta, sendo a manutenção das necessidades básicas alcançadas por meio da caça, da coleta e da agricultura de subsistência.

Com o passar dos anos, o crescimento do conhecimento humano, as descobertas de novos recursos naturais, o avanço das técnicas tornaram as paisagens humanizadas e deram melhores condições de vida para, pelo menos, parte da humanidade. Contudo, esse processo trouxe alguns problemas e conflitos.

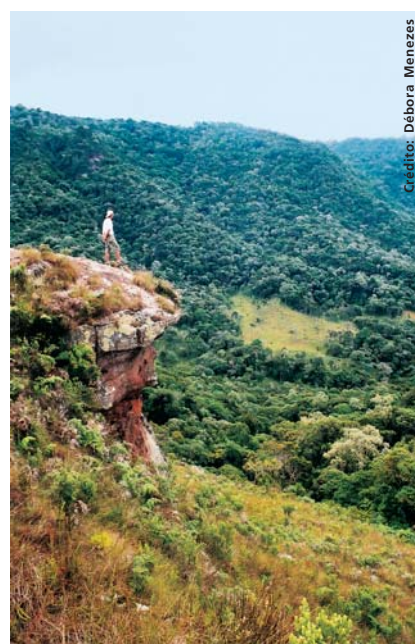
Há mais de um século, existe uma preocupação com a destruição da natureza, fornecedora de recursos fundamentais para a qualidade de vida na Terra, tais como o ar puro, a água potável, as formações vegetais, a fauna, as paisagens notáveis.

Uma das formas para se pensar sobre essa relação do ser humano com a natureza, a preocupação com as transformações no tempo - ou seja: *como era, como está agora e como pode ficar* - e também no espaço - ou seja: *onde estão, como se organizam e como funcionam* - pode ser encontrada na palavra PAISAGEM.

Paisagem significa ação (sufixo *agem*) sobre uma localidade (prefixo *pais*) e essa ação seria ação humana, porém, neste livro, entende-se a paisagem como uma representação da natureza pouco transformada pela sociedade.

A cultura já modificou muito as formas naturais, porém a natureza continua a exercer certas influências, mesmo nas paisagens alteradas pelo ser humano. Mesmo com a total retirada da vegetação em uma área urbana, pode-se constatar a força da natureza tentando reconquistar o seu espaço. Se os cuidados com a área ocupada pelo homem forem abolidos, a vegetação começa a invadi-la e a recolonizá-la.

Pode-se dizer, então, que a paisagem é tudo o que vemos e percebemos e contém elementos culturais e da natureza. Sendo assim, não existe uma paisagem totalmente cultural ou totalmente natural, mas sim uma composição de elementos naturais e culturais. Em alguns lugares, com mais elementos do natural, como nos parques e reservas instituídos para a conservação da natureza; em outros, com o cultural, como nas cidades.



Morro da Cruz, em Urubico (SC)

Atividades

- 1) Tente desenhar ou procure em uma revista ou jornal diferentes tipos de paisagens e faça uma relação com os órgãos dos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar), ou seja, descreva o que você está vendo, os possíveis cheiros, sons, texturas e gostos que poderiam ser experimentados nessas paisagens.
- 2) Procure, nas proximidades da sua casa ou escola, as influências da natureza nas paisagens mais transformadas pelas culturas.



A COMPOSIÇÃO DA PAISAGEM

Como vimos no tópico anterior, a palavra paisagem contém uma característica fundamental que a torna um ponto de partida para a interpretação do meio, ou seja, ela é acessível aos órgãos dos sentidos dos seres humanos, principalmente à visão.

Mas a paisagem entendida como um cenário sem vida, sem movimento, como uma pintura em um quadro, seria apenas o ponto de partida. O importante é considerar, numa paisagem, a existência das ligações entre os seres vivos e a natureza não viva (rocha, clima etc.), além de procurar explicação para a distribuição, no espaço, de seus elementos constituintes.

Alexander von Humboldt (1769-1859)

Humboldt foi um grande naturalista e geógrafo alemão, com muitos e variados conhecimentos, que se dedicou aos estudos da natureza em todos os seus aspectos. Nasceu em Berlim em 14 de setembro de 1769 e com 30 anos de idade (1799), realizou viagens pela Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, México e Cuba. Ao retornar para Berlim escreveu, em 1808, um de seus mais famosos livros, "Quadros da Natureza". Humboldt pesquisou em suas viagens temas como distribuição das plantas, estudos de temperatura, força magnética da Terra, vulcões, origem de alguns tipos de rochas, entre outros, e publicou os resultados de suas pesquisas em diversas revistas científicas. Porém, a sua mais importante obra recebe o título de "Cosmos", sendo a primeira parte da obra publicada em 1845. Nela, Humboldt escreve sobre quase todos os fenômenos físicos e biológicos do Universo, procurando mostrar as relações existentes entre eles. Humboldt morreu em 06 de maio de 1859 em Berlim, deixando grandes contribuições para os estudos integrados das paisagens.

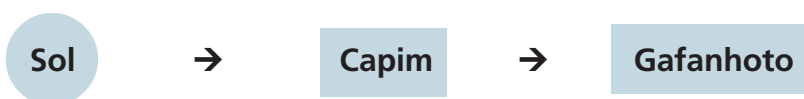
Fonte: Disponível em: http://www.epigrafe.com/resena/autresena.asp?aut_id=2&lib_id=6

Para entendermos as relações entre os elementos de uma paisagem, podemos considerá-la como um sistema. A palavra *sistema*, atualmente, está em toda parte: sistema elétrico, sistema de computador, sistema hidráulico, sistema bancário, sistema escolar e assim por diante, sempre querendo retratar uma visão que considera as relações entre as partes.

Também nas ciências naturais, a palavra *sistema* passou a fazer parte do vocabulário, por exemplo, com os termos: *ecossistema* e *geossistema*. Este último foi sugerido com o intuito de se representar a paisagem segundo a visão sistêmica, o mesmo fato ocorrendo na Ecologia, que criou o termo *ecossistema* na tentativa de entender as relações entre os seres vivos e o meio não-vivo.

A noção de ecossistema surgiu entre os biólogos mais acostumados ao trabalho com a natureza, com ênfase nos estudos dos seres vivos. Sendo assim, os elementos não-vivos ficam deslocados e o ser humano também não é suficientemente considerado nos estudos dos ecossistemas.

Pode-se dizer que o ecossistema é a representação das interações que ocorrem na natureza. As interações entre os seres vivos e seu meio podem ser identificadas por meio de um diagrama de compartimentos (caixas e setas), sendo que os compartimentos, ou seja, as caixas são preenchidas pelos elementos do ambiente, e as setas indicam o caminho do alimento ou da energia. Por exemplo: um diagrama de compartimentos e setas representando a interação de um gafanhoto com o capim. Lembremos que o capim, como um vegetal, necessita de energia luminosa para viver, sendo essa representada pelo sol em um compartimento circular que indica fonte de energia.



A palavra *ecossistema* é uma união de duas palavras: *ecos* e *sistema*. A palavra *ecos* é derivada da palavra grega *oikos*, significando casa, lugar de vida, ambiente; e o termo *sistema* pode ser definido como um conjunto de elementos que interagem mediante fluxos de matéria e de energia. Esses fluxos originam relações de dependência entre os fenômenos. Exemplificando:

Elementos - sol, pássaro, planta, etc.;

Fluxos - representados pelas setas no diagrama;

Matéria - alimentos, nutrientes para as plantas, gases como oxigênio e gás carbônico, etc.;

Energia - luz, calor, etc.

Podemos concluir que o ecossistema é uma construção abstrata, construída pelo homem na tentativa de entender melhor as relações existentes na paisagem; portanto, diferentemente desta, que é visível e concreta, denunciada por indicadores facilmente perceptíveis (vegetação, formas de relevo, uso e cobertura do solo, por exemplo), o *ecossistema* não existe concretamente; são esquemas virtuais das paisagens.

Nem por isso eles perdem a sua grande importância, pois olhar as paisagens segundo uma visão sistêmica, procurando entender não somente as formas, mas também a estrutura, a dinâmica e a evolução de uma paisagem, tornou-se uma atitude fundamental na construção do conhecimento sobre as relações entre a natureza e a sociedade humana.

Uma das formas de relação entre a natureza e a sociedade se dá por meio da atividade turística, promovendo a integração e derrubando fronteiras entre as paisagens. Podemos dizer que a paisagem é, ao mesmo tempo, uma das matérias-primas do turismo e é beneficiada por ele graças às ações que a protegem e transformam. A avaliação da paisagem por meio de uma visão sistêmica é fundamental para o planejamento e desenvolvimento do turismo, em especial do ecoturismo.

Atividades

- 1) Vamos usar, como exemplo, organismos de um lago para construir um diagrama de compartimentos que represente as interações ocorridas nesse ecossistema. Os compartimentos serão preenchidos pelos seres vivos e as setas indicam o caminho do alimento ou da energia.
Considere:
 - Fonte primária de energia: sol;
 - Organismos do lago;
 - algas: vegetais que transformam a energia do sol em alimento;
 - peixes herbívoros que se alimentam das algas;
 - peixes carnívoros que se alimentam dos peixes herbívoros;
 - fungos e bactérias que se alimentam das algas e dos peixes, geralmente depois de mortos.
- 2) Em um pasto há, além do gado que o homem cria para comer, diversos tipos de roedores (ratos, preás, capivaras, etc). Esses roedores herbívoros servem de alimento para cobras e corujas. Qualquer um desses animais, com exceção do gado, pode ser capturado por gaviões.
 - a) Construa um diagrama de compartimentos para representar o ecossistema de pasto.
 - b) Ao contrário do ecossistema, que é uma representação esquemática do ambiente feita pelo ser humano, a paisagem é concreta, palpável e mais facilmente percebida diretamente no terreno. A paisagem é a forma resultante do funcionamento dos seus elementos.
Faça um desenho que represente a paisagem do ecossistema de pasto construído no item **a)** deste exercício.
- 3) Procure em revistas, jornais ou desenhe uma paisagem qualquer. Tente representar, na forma de um diagrama, o geossistema dessa paisagem. Considere os elementos da natureza (rochas, rios, solo, vegetação, fauna, etc.) e os culturais (usos e construções humanas: agricultura, casas, prédios, indústrias, etc.), colocando-os nos compartimentos (caixas) e aponte, por meio das setas, as relações existentes entre eles. Pode-se ainda acrescentar elementos nem sempre considerados, como os relacionados ao clima, como mais um elemento da paisagem.



Quais são os elementos da paisagem que devem ser estudados? Devo estudar todos os elementos e todas as suas características? Como deve ser feito esse estudo? Que nível de detalhe devo considerar?

Pode-se dizer que não há uma receita única e pronta para estudar todos os diferentes tipos de paisagem. Sendo assim, neste item, procuraremos traçar algumas considerações que necessitarão de adaptações de acordo com as particularidades de cada situação encontrada.

Rocha, água, ar, solo, formas de relevo, vegetação, fauna, o ser humano e suas construções interagem para formar uma paisagem. Cada elemento influencia e é influenciado por todos os outros; portanto, deveríamos considerar todos eles ao mesmo tempo, o que parece ser impossível.

Então, para facilitar o estudo, podemos analisar os elementos que mais se destacam e mais influenciam a paisagem em estudo, ou então escolher elementos que possam indicar características que, no momento, são as mais importantes para as nossas intenções.

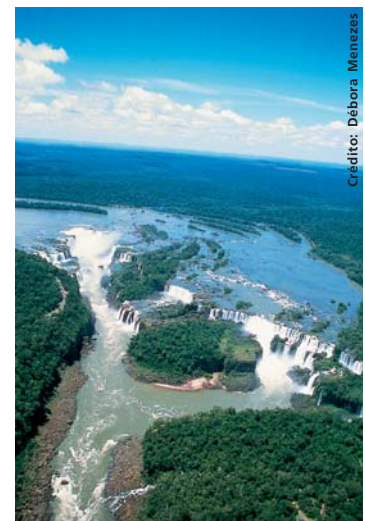
Em algumas paisagens como, por exemplo, nas montanhosas, podemos encontrar as formas de relevo como, os morros, as serras e os vales, como os elementos que mais se destacam e ajudam a definir aquela paisagem. Essas formas podem estar cobertas por vegetação (agricultura ou vegetação espontânea) e por construções humanas, que são outros elementos que também se destacam.

Os seres vivos podem funcionar como indicadores da qualidade, pois reagem primeiro às influências exteriores, exibindo alterações, como redução populacional. Se o interesse for o de monitorar as pequenas modificações em uma paisagem, o estudo da vegetação, da flora e da fauna pode ser de grande valia, ou seja, busca-se saber como esses elementos estavam presentes antes de uma interferência e como ficaram após essa interferência.

Um outro elemento que se altera facilmente conforme o ser humano passa a utilizar a paisagem é a água, que pode ter suas características monitoradas nos rios e lagos.

Deve-se, também, considerar as características climáticas gerais da localidade: a influência de geadas, dados sobre a evaporação, formação de nevoeiros, etc.

Então, podemos começar o estudo da paisagem por um levantamento descritivo, tentando listar os diferentes elementos que a formam. Um segundo passo seria a qualificação desses elementos e combinações, ou seja, devemos avaliar os limites e as vantagens que o local pode nos oferecer. Depois disso, devemos enfatizar a articulação dos fatores



Parque Nacional do Iguaçu

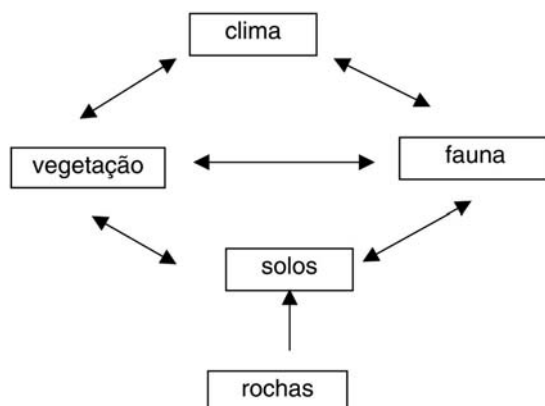
Crédito: Débora Menezes

relacionados com a utilização da paisagem pelo ser humano, como os usos (agrícolas), edificações (urbana, industrial, tecnológica) e modificações importantes (represas, aterros, desmatamentos, etc.), não esquecendo de considerar o clima e os rios que são dinâmicos e podem atravessar a paisagem.

É importante atentar para as transformações provocadas pelo ser humano e relacioná-las aos limites e aptidões de cada tipo de paisagem.

Atividades

- 1) Analise o fluxograma (diagrama de compartimentos) e responda as questões a seguir: (paisagem vista de modo sistêmico)



- a) Dê exemplos de cada interação indicada pelas setas, por exemplo:
- como a vegetação influencia os solos?
 - como o clima influencia a fauna?
- b) Você acha que faltam setas entre o clima e o solo?
- c) Acrescente o ser humano no esquema.
- d) Ao acrescentar o ser humano no esquema, identifique a importância das transformações ocorridas na paisagem para a atividade turística e mostre como o turismo pode contribuir para essas transformações.
- 2) Encontre a foto de uma paisagem e faça uma lista dos seus elementos constituintes. Construa um diagrama de compartimentos, indicando com setas as influências entre eles.



TEMA 4

AVALIANDO A PAISAGEM

A avaliação de uma paisagem sempre vai depender de quem a analisa, mas os critérios utilizados podem se basear em estudos que levam em consideração a qualidade do funcionamento e da estrutura das paisagens. Podemos citar alguns dos critérios, tais como a diversidade, o grau de naturalidade, a fragilidade, a frequência de espécies ameaçadas, entre outros. Porém, geralmente essas avaliações são realizadas com o auxílio de técnicas, instrumentos e conhecimentos adquiridos após um treinamento mais específico e, na maioria das vezes, são complexas e realizadas por profissionais.

Uma forma um pouco mais fácil de avaliar as paisagens está na classificação conforme a intensidade de alterações provocadas pelos seres humanos na natureza. Essas alterações produzem tipos de paisagens com diferentes graus de transformações. Podemos encontrar, então, desde paisagens muito alteradas, com pouca presença da natureza, até paisagens com quase nenhuma alteração humana.

Sendo assim, as paisagens podem ser avaliadas de acordo com o grau de naturalidade que elas apresentam. Então, com base, por exemplo, no tipo de superfície e nas mudanças na vegetação e na flora (espécies), como a perda de espécies nativas, a paisagem pode ser classificada como *natural*, *quase-natural*, *semi-natural*, *agri-cultural*, *quase cultural* ou *cultural*.

Os termos utilizados não importam muito, o que interessa é organizar os diferentes tipos de paisagens de acordo com o grau de transformação. A avaliação é feita de forma relativa, ou seja, uma paisagem é comparada com as outras para se determinar em qual posição ela será colocada.

Então, teríamos paisagens *naturais* que não sofrem influência humana direta e são capazes de auto-regulação, passando por paisagens *próximas de naturais*, que são influenciadas pelo ser humano, mas que, apesar disso, ainda conseguem se manter em equilíbrio; depois as paisagens *semi-naturais*, resultantes do uso humano, mas não criadas intencionalmente e que apresentam capacidade limitada de auto-regulação e, finalmente, paisagens *humanizadas*, ou seja, criadas e dependentes do controle e manejo humanos. Além desses tipos, teríamos ainda as paisagens *tecnológicas*, caracterizadas por estruturas e processos técnicos, criadas intencionalmente pelo homem para atividades industriais, econômicas ou culturais e contendo a natureza de modo disperso em sua malha e no entorno.

Atividades

- 1) Leia os trechos da poesia abaixo e responda: como deve ser a cidade ideal para você? Discuta o assunto com os colegas.
A Cidade Ideal
(Enriquez - Bardotti, tradução de Chico Buarque, 1977 - trechos)
A cidade ideal dum cachorro
Tem um poste por metro quadrado
Não tem carro, não corro, não morro
E também nunca fico apertado

A cidade ideal da galinha
Tem as ruas cheias de minhoca
A barriga fica tão quentinha
Que transforma o milho em pipoca
- 2) Para você, qual paisagem deveria receber melhor proteção?
 - a) Uma paisagem mais íntegra ou uma paisagem mais alterada?
 - b) Uma paisagem com maior diversidade ou uma com menor diversidade?
 - c) Uma mais frágil ou uma mais resistente?
- 3) Quais os outros critérios ou formas de avaliar as paisagens você poderia sugerir?
- 4) Escolha uma região próxima a você e faça uma classificação dos diferentes tipos de paisagens, organizando-as de acordo com o grau de alteração causado pelo ser humano. Verifique, no texto deste capítulo, uma proposta de classificação conforme a influência e o controle requisitado pela paisagem para seu bom funcionamento.
- 5) Qual ou quais paisagens são ideais para a prática do ecoturismo? Justifique sua resposta.



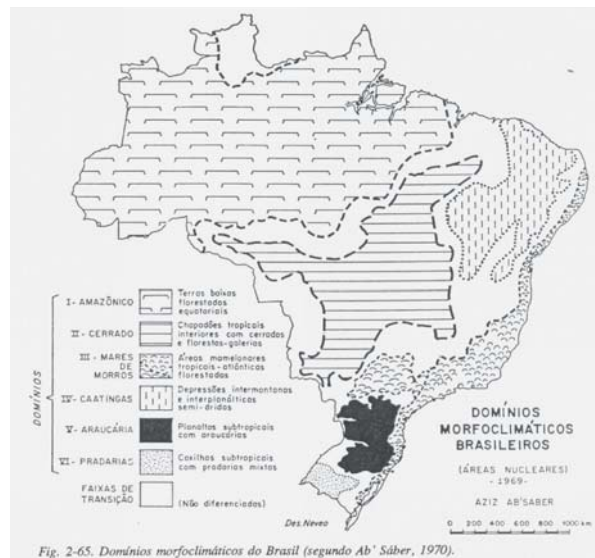
O entendimento de uma paisagem vai depender, entre outras questões, da escala utilizada, ou seja, da distância a que vamos nos posicionar para apreender a paisagem.

Neste tópico, vamos analisar as paisagens em escalas bem pequenas para que possamos englobar todas as grandes paisagens do Brasil. A escala considerada é da ordem de 1:25.000.000; então, vamos ver as paisagens brasileiras como se estivéssemos analisando uma imagem de satélite, ou seja, lá do espaço sideral. Para noções de escala e de representação, veja o livro de *Geografia e Cartografia para o Turismo*.

Para essa distância ou para essa escala, as unidades de paisagens que podemos delimitar são chamadas de *Domínios*.

Foi o geógrafo e professor Dr. Aziz Nacib Ab'Saber que, em 1967, propôs para o Brasil uma classificação e batizou as unidades de paisagens vistas nessa escala, com o nome de *Domínios Morfoclimáticos e Fitogeográficos*, designando, então, seis tipos diferentes de Domínios para o Brasil:

- Domínio Amazônico (terras baixas florestadas equatoriais);
- Domínio Tropical Atlântico (mares de morros - áreas mamelonares florestadas). As áreas litorâneas e próximas da costa recobertas com Mata Atlântica;
- Domínio dos Cerrados (chapadões tropicais interiores com cerrados e floresta-galeria), do Brasil Central;
- Domínio dos Planaltos Subtropicais com Araucárias. Uma subdivisão da Mata Atlântica que recobre os Estados do Sul;
- Domínio das Pradarias Mistas (coxilhas subtropicais com pradarias mistas); o pampa gaúcho;
- Domínio dos Sertões Secos: caatingas (depressões intermontanas e interplanálticas semi-áridas); O sertão nordestino.



Podemos perceber, na figura da página anterior, que os limites entre os Domínios não se tocam, pois se considera a existência de uma zona de transição entre um Domínio e outro, ou seja, a passagem de um tipo de paisagem para outro não ocorre de forma brusca, mas de modo gradativo.

Embora tenhamos apontado que a paisagem é composta pelos elementos da natureza (físicos e biológicos) e pelas ações da sociedade, para este tópico, a ênfase da descrição dos Domínios brasileiros será dada na vegetação, como um dos elementos que mais se destaca e caracteriza essas paisagens nessa escala de abordagem e que exerce forte influência nas motivações de viagens dos ecoturistas.

Domínio Amazônico (Terras baixas florestadas equatoriais)

O principal tipo de vegetação é a Floresta Tropical, que pode ser subdividida em pelo menos três grandes tipos de matas: as de terra firme, as de várzea e as de igapó.

Matas de Terra Firme

Cobrem as áreas mais altas, livres de inundação, ocupando cerca de 90% da Amazônia. A copa das árvores forma um dossel fechado que dificulta a entrada de luz. Conseqüentemente, os arbustos e as plantas herbáceas são pouco freqüentes. As árvores formam vários estratos (andares), propiciando abrigo para a fauna. São exemplos de espécies de árvore da Floresta de Terra Firme, a castanha-do-pará (*Bertholettia excelsa*), o mogno (*Swietenia macrophylla*) e a sumaúma (*Ceiba pentandra*).

Matas de Várzea

Ocupam os terrenos ao longo dos rios de águas brancas, isto é, rios com águas lamacentas, ricas em matéria inorgânica em suspensão, como o Amazonas. As várzeas altas são ocupadas por uma vegetação semelhante à das matas de terra firme, onde se pode encontrar o angelim (*Dinizia excelsa*), uma das árvores mais altas da Amazônia, que atinge até 60m de altura. Encontra-se também a seringueira (*Hevea brasiliensis*), a árvore considerada a maior produtora de borracha. Devido à maior penetração de luz nessas florestas, o estrato rasteiro e o arbustivo são mais desenvolvidos.

Matas de Igapó

São encontradas, preferencialmente, nas áreas mais baixas permanentemente inundadas, próximas aos rios de águas negras, isto é, rios que têm origem no setor da bacia hidrográfica já coberta pela floresta. A vegetação dessas matas é adaptada para suportar as condições de solo alagado e, conseqüentemente, com pouco oxigênio. As árvores podem atingir cerca de 20m de altura. Quanto às espécies vegetais, a mais alta e majestosa delas, encontrada nas matas de igapó, é a sumaúma (*Ceiba pentandra*), árvore de 40m de altura.

Domínio Tropical Atlântico ("Mares de Morros" - Áreas mamelonares florestadas)

Estendendo-se ao longo de toda faixa litorânea brasileira, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, e interiorizando-se mais para o interior nos estados de Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, existia uma floresta tropical praticamente contínua, ainda que muito diversificada, chamada de Mata Atlântica.

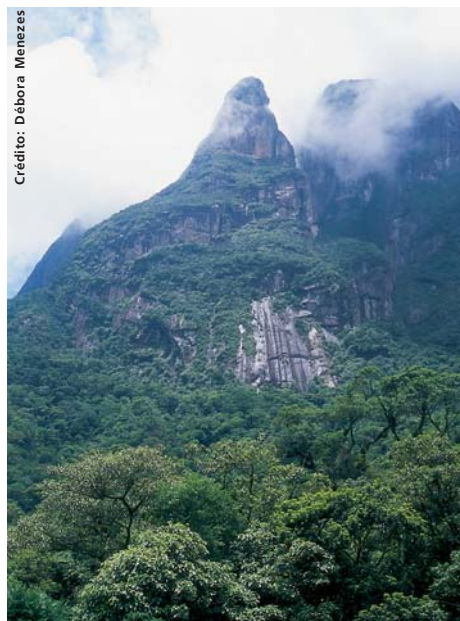
O Domínio Tropical Atlântico abrange uma grande diversidade de paisagens. Percorrendo a faixa no sentido leste-oeste, por exemplo, na altura do estado de São Paulo, podemos encontrar paisagens litorâneas (praias, cordões arenosos, rios sinuosos bordejados por plantas do manguezal, morros da Serra que mergulham no mar). No sentido norte-sul, ou seja, desde a região nordeste do Brasil até a região sul, o grande fator que influencia na natureza é o clima.

Portanto, qualquer descrição desse riquíssimo Domínio estará sempre incompleta, mas, em termos gerais, pode-se dizer que as florestas da costa brasileira, influenciadas pela umidade constante e altas temperaturas, são densas, sempre verdes, com árvores geralmente entre 20 e 30m de altura, distribuídas em dois ou mais estratos. O ambiente sob a copa das árvores é escuro, mal ventilado e úmido.

Nessas florestas, podem ser encontradas, também, espécies arbóreas de até 40m de altura, como o jequitibá-branco (*Cariniana estrellensis*) e muitas espécies de epífitas (bromélias, orquídeas e aráceas), crescendo sobre essa e outras espécies arbóreas.

É na Floresta Tropical Atlântica que encontramos o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), a paineira (*Chorisia speciosa*) e várias palmeiras, como o palmito-juçara (*Euterpe edulis*).

Associados às florestas costeiras estão os manguezais, influenciados pela água do mar e pela água doce dos rios. Sobre um sedimento mole, pouco arejado e salgado, crescem as três espécies vegetais que mais caracterizam essa formação: o mangle-seriba (*Avicennia sp*), com suas raízes respiratórias (pneumatóforos), o mangle-vermelho (*Rhizophora sp*), com suas raízes-escora que partem do tronco, e o mangle-branco (*Laguncularia racemosa*), planta arbustiva com ramificação abundante.



Crédito: Débora Menezes

Paisagem Parque do Marumbi (PR)

Os manguezais se distribuem ao longo de toda costa brasileira, com exceção do litoral do Rio Grande do Sul. As espécies arbóreas do manguezal variam de cerca de 1m de altura, quando estão próximas ao limite sul de ocorrência, até mais de 30m na zona equatorial.

Ainda na região costeira, porém no alto das montanhas, acima de 1500m, podem aparecer os campos de altitude, ou campos rupestres, onde não há mais florestas e as plantas crescem sobre pedras, sob a forte radiação solar e ventos intensos e constantes. Serra dos Órgãos e Itatiaia no Estado do Rio de Janeiro e Campos do Jordão em São Paulo são exemplos dessas formações.

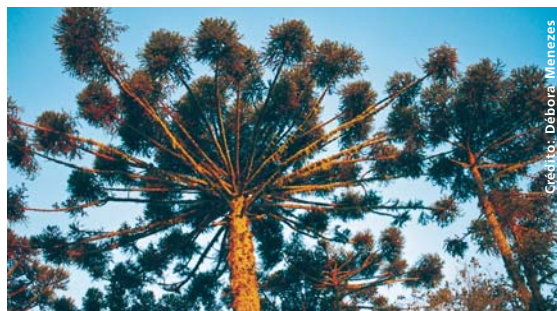
No interior da região sudeste do Brasil, surge as florestas com árvores mais baixas, por volta de 10 a 15m, e o interior da floresta mais iluminado com grande densidade de plantas herbáceas e arbustivas.

Essas florestas podem ser consideradas semi-decíduas, ou seja, na época menos úmida do ano, muitas espécies deixam cair suas folhas como uma forma de evitar a perda de água por transpiração. Suas florestas apresentam 8.000 das 300 mil espécies de plantas do mundo e estão entre os oito santuários de biodiversidade mais ameaçados do planeta. As florestas que recobrem a Serra do Japi, no Estado de São Paulo, fazem parte dessa formação.

Domínio dos Planaltos Subtropicais com Araucárias

Os pinheirais ocorrem nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e nas partes mais elevadas dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e do sul de Minas Gerais. Esse Domínio formado por florestas com diferentes espécies arbóreas, das quais se destaca a imponente araucária.

A araucária (*Araucária angustifolia*), que chega a atingir de 25 a 30m de altura, é um dos pinheiros nativos do Brasil, popularmente conhecido como pinheiro-do-paraná. A semente da araucária é o pinhão, tradicionalmente apreciado nas festas juninas. As araucárias, junto com outras espécies arbóreas, como por exemplo, a imbuia (*Ocotea porosa*), a canela lageana (*Ocotea pulchella*), o pinheiro-bravo (*Podocarpus lambertii*), a erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e a canela sassafrás (*Ocotea prestiosa*), formam florestas encontradas nos topos dos morros.



Crédito: Débora Menezes

Floresta de araucárias em São José dos Ausentes (RS)

Domínio das Pradarias Mistas (Coxilhas subtropicais com pradarias mistas)

O campo sul-rio-grandense é mais bem representado pela vegetação de campanha (áreas abertas), onde o campo domina entrecortado por delgados cordões de matas em galeria, ou seja, matas que acompanham as margens dos rios. As plantas crescem em desabrigo sob ampla exposição à luz e ao vento, em solo seco, sendo o salgueiro (*Salix humboldtiana*) uma das árvores mais características dessa paisagem campestre, com seus longos e finos ramos pendentes.

Domínio dos Cerrados (Chapadões tropicais interiores com cerrados e floresta-galeria)

Os cerrados são formações vegetais que cobrem o Planalto Central brasileiro. Abrange desde formações de campo (campo limpo) até formações florestais (cerradão). Entre a fisionomia de campo e a de floresta, existem outras formas, como campo sujo, campo cerrado e cerrado *stricto sensu*. Na passagem, portanto, de campo limpo para o cerradão, a importância das árvores e arbustos cresce aos poucos, como mostra o perfil abaixo.

O clima na região dos cerrados é tipicamente tropical, os solos são profundos, freqüentemente ácidos e pobres em nutrientes. A presença de alumínio, a pequena quantidade de matéria orgânica nos solos e o fogo que periodicamente atinge essas áreas são os fatores que determinam os troncos e ramos, geralmente tortuosos, e a composição das espécies do cerrado. Não é portanto a falta de água.

As raízes das árvores e arbustos alcançam, muitas vezes, grandes profundidades (15-18m), podendo atingir as proximidades do lençol freático, fato que dispensa essas espécies da economia de água que teriam que fazer nos momentos mais quentes do dia e nos períodos menos úmidos do ano.

O piqui (*Caryocar brasiliensis*) é um dos representantes mais conhecidos da riquíssima flora do cerrado.

Os rios que cortam a área são acompanhados por um tipo de vegetação conhecida como *mata ciliar*, que protege as margens dos rios como se fossem os cílios protegendo nossos olhos. Servem de refúgio para a fauna local, bem como corredor de movimentação da flora e da fauna de floresta. Essa mata pode ser considerada como uma continuação das florestas tropicais (Atlântica e Amazônica) no Domínio do Cerrado do Brasil Central.



Crédito: Débora Menezes

Cachoeira Véu da Noiva, Chapada dos Guimarães (MT)

Domínio dos Sertões Secos: Caatingas (Depressões intermontanas e interplanálticas semi-áridas)

As caatingas ocupam cerca de 10% do território brasileiro, abrangendo parte dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e pequena porção de Minas Gerais.

A irregularidade das chuvas e os altos valores de evaporação da água e transpiração dos vegetais concorrem para a semi-aridez da zona das caatingas, cujas plantas apresentam adaptações para a vida em condições de falta de água. Algumas armazenam água como, por exemplo, as cactáceas (mandacaru, facheiro, xiquexique e a palma) que também têm suas folhas transformadas em espinhos; outras são decíduas, isto é, perdem as folhas tão logo as condições sejam desfavoráveis. Quando as folhas caem, nos períodos de seca, a vegetação fica acinzentada e a mata fica clara devido à falta da folhagem verde que impediria a entrada da luz solar. Essa característica de mato branco que ocorre na seca está explícita no significado da palavra caatinga na língua tupi: *caá*: a folha, a planta, a erva, o vegetal em geral, a árvore, o mato; e *tinga*: branco.

As caatingas, na verdade, são formadas por diferentes tipos de vegetação. Podemos encontrar a caatinga arbórea, a caatinga arbustiva e a caatinga arbustivo-arbórea; portanto, deve-se falar em *zona das caatingas*.

Entre as caatingas, no interior, e a zona da mata, no litoral, surge uma zona de transição conhecida como agreste. O agreste é uma formação predominantemente arbórea, pouco densa onde só algumas espécies têm troncos altos e retos. Durante a seca a folhagem é derrubada.

Zonas de transição

Em relação às zonas de transição, destacaremos, apenas como exemplo, duas regiões:

Mata dos Cocais

As Matas dos Cocais são formadas por palmeiras, especialmente o babaçu (*Orbignya martiana*) e a carnaúba (*Copernicia cerifera*), que ocupam áreas dos estados do Maranhão, Piauí e Ceará, ambas com intenso uso econômico.

Complexo do Pantanal

O Pantanal é constituído por diferentes formações vegetais determinadas pelo regime de água e pela topografia local. Não possui uma flora com espécies de seres vivos que só ocorrem na região (endêmicos), mas reúne diversos elementos típicos de outras regiões do país. Apresenta associações caracterizadas pela predominância de uma única espécie. Por exemplo: no carandazal, o carandá (*Copernicia australis*) é a espécie predominante; no buritizal, é o buriti (*Mauritia vinifera*) e, no gravatal, é o gravatá (*Bromelia balansae*) que predomina.

Diante dessas características, é fácil verificar o potencial brasileiro para o desenvolvimento do ecoturismo. Os pólos destacados no módulo III, tentam incentivar práticas ecoturísticas em cada um desses Domínios brasileiros. Contudo, carências de infraestrutura para a alimentação e hospedagem, assim como de vias de comunicação, ainda deixam essas áreas apenas como um grande potencial ecoturístico (para maiores detalhes, veja o módulo II, tema 2). A Amazônia, apesar de suas características, ainda se configura como potencial, pois está estruturada para receber ecoturistas nos grandes centros como Manaus e Belém.

Da mesma forma, a caatinga, além dessas carências apontadas para a Amazônia, enfrenta outra dificuldade do ecoturista, que desconhece ou não está motivado para visitar esse Domínio do semi-árido brasileiro, devido a fatores como a seca.

Assim, há uma maior estrutura de hospedagem e de serviços voltados para o ecoturismo que fazem concentrar os pólos na faixa litorânea e nos estados mais desenvolvidos financeiramente do sudeste e sul, estados esses que possuem também a natureza mais transformada pela sociedade.

Nesse sentido, há muito trabalho a fazer para estruturar o ecoturismo, respeitando seus princípios nos locais mais afastados dos grandes centros urbanos brasileiros.

Respeitando os princípios do ecoturismo, desenvolvendo e aplicando técnicas de avaliação de impactos como as mencionadas no módulo I, pode-se transformar as paisagens naturais dos Domínios morfoclimáticos brasileiros em um grande produto ecoturístico.

Mas, para que isso ocorra, é necessário um planejamento criterioso, notadamente nas poucas áreas que ainda protegem ambientes bem conservados no Brasil, como as unidades de conservação (as áreas protegidas). O planejamento do ecoturismo e as unidades de conservação é o assunto do próximo módulo.



Jacaré, abundante na fauna do Pantanal

Crédito: Débora Wenzel

Atividades

- 1) Pinte os Domínios e a legenda do mapa a baixo, deixando as zonas de transição em branco.



- 2) Identifique pelo menos uma espécie vegetal de cada domínio.
- 3) O nosso repertório musical é muito rico em informações sobre as paisagens do Brasil. Abaixo se encontram dois exemplos consagrados na voz de Luiz Gonzaga. Procure identificar, nas músicas, as características do Domínio das caatingas, incluindo as questões socioeconômicas do povo nordestino.

Asa Branca

Quando olhei a terra ardendo, qual fogueira de São João.
Eu perguntei a Deus do céu por que tamanha judiação?
Que braseiro que fornalha, nem um pé de plantação.
Por falta d'água perdi meu gado, morreu de sede meu alazão.
Até mesmo a asa branca bateu asas do sertão.
Então eu disse adeus Rosinha, guarda contigo meu coração.
Quando o verde dos teus olhos se espalhar na plantação.
Eu te asseguro, não chores não, que eu voltarei, meu coração.

A Volta da Asa Branca

Já faz três noites que pro norte relampeia, a asa branca ouvindo o ronco do trovão, já bateu asas e voltou pro meu sertão, ai ai eu vou-me embora vou cuidar da plantação.
A seca fez eu desertar da minha terra, mas felizmente Deus agora se lembrou, de mandar chuva pra esse sertão sofredor, sertão das mulheres sérias dos homens trabalhadores.
Rios correndo as cachoeiras estão zoando, terra molhada mato verde que riqueza, e a asa branca a tarde canta que beleza, ai ai o povo alegre mais alegre a natureza.
Sentindo a chuva eu me recordo de Rosinha, a linda flor do meu sertão pernambucano, e se a safra não atrapalhar meus planos, ai ai o seu vigário eu vou casar no fim do ano.

- 4) Escolher um domínio morfoclimático e criar um *folder* para uma atividade ecoturística, baseada nos princípios da interpretação ambiental – veja o módulo I.
- 5) A música a seguir nos dá uma pequena idéia da diversidade de vegetais existentes em nossas florestas e da degradação causada pelo ser humano. Se você não souber a melodia, leia a poesia.



Matança

Geraldo Azevedo

Cipó caboclo tá subindo na virola
Chegou a hora do pinheiro balançar
Sentir o cheiro do mato da imburana
Descansar morrer de sono na sombra da barriguda
De nada vale tanto esforço do meu canto
Pra nosso espanto tanta mata já vão matar
Foi mata atlântica e a próxima amazônica
Arvoredos seculares impossível replantar
Que triste sina teve cedro nosso primo
Desde menino que eu nem gosto de falar
Depois de tanto sofrimento seu destino
Virou tamborete mesa cadeira balcão de bar
Quem por acaso ouviu falar da sucupira
Parece até mentira que o jacarandá
Antes de virar poltrona porta armário
Morar no dicionário vida-eterna milenar
Quem hoje é vivo corre perigo
E os inimigos do verde da sombra
O ar que se respira
E a clorofila das matas virgens
Destruídas bom lembrar
Que quando chegar a hora
É certo que não demora
Não chama Nossa Senhora
Só quem pode nos salvar

É caviúna, cerejeira, baraúna
Imbuia, pau-d'arco, solva
Juazeiro, jatobá
Gonçalo-Alves, paraíba, itaúba
Peroba, massaranduba
Carvalho, mogno, canela, imbuzeiro
Catuaba, janaúba, arueira, araribá
Pau-ferro, angico, amargoso, gameleira
Andiroba, copaíba, pau-brasil, jequitibá.

Módulo III



PLANEJAMENTO DO ECOTURISMO EM ÁREAS PROTEGIDAS



Autores: Sidnei Raimundo
Beatriz Veroneze Stigliano
Pedro de Alcântara Bittencourt César

AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E O TURISMO

Em todos os Domínios Morfoclimáticos Brasileiros, existem unidades de conservação, ou áreas protegidas. As Unidades de Conservação (UCs) oferecem, com suas paisagens, fauna, flora, rios e cachoeiras, diversas opções para o visitante, como a contemplação, a possibilidade de desenvolver atividades físicas, caso da caminhada, o relaxamento, a interação com amigos e familiares, a observação de pássaros e outros animais, o estudo do meio através da interpretação ambiental, a pesquisa, entre muitas outras possibilidades.

Unidade de Conservação (UC) é uma superfície de terra ou mar consagrada à proteção e manutenção da diversidade biológica, assim como dos recursos naturais e dos recursos culturais associados e manejados, por meio de recursos jurídicos e outros. E a definição oficial do Brasil é a do SNUC⁵. Segundo ele, as unidades de conservação são espaços territoriais (incluindo seus recursos ambientais e as águas jurisdicionais) com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e de limites definidos, sob regime especial de administração. A elas se aplicam garantias adequadas de proteção.

A partir de 2000, com o SNUC, as unidades de conservação do Brasil passaram a ser entendidas como um sistema. Trata-se de uma visão de conjunto de UCs que procurou melhorar a proteção à diversidade natural e à riqueza paisagística do país.

Esse sistema divide as UCs brasileiras em dois grandes blocos: UCs de *proteção integral* e de *uso sustentável*.

- **UCs de Proteção Integral** - O objetivo básico dessas unidades é conservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, ou seja, atividades educacionais, científicas e recreativas. São proibidas a extração e comercialização de recursos naturais. A ação humana permitida se dá pela pesquisa e visitação. Portanto, o ecoturismo se constitui numa importante atividade nessas áreas. Fazem parte desse bloco:

- I - Parque Nacional
- II - Reserva Biológica
- III - Estação Ecológica
- IV - Monumento Natural
- V - Refúgio de Vida Silvestre

- **UCs de Uso Sustentável** - O objetivo básico dessas unidades é compatibilizar a conservação da natureza com o uso de parte dos seus recursos naturais. O uso dos recursos é direto, ou seja, permite-se sua extração e comercialização, desde que seja realizado de uma maneira sustentável, respeitando os limites da natureza e indicado em um plano de manejo. Fazem parte deste bloco:

- I - Área de Proteção Ambiental (APA)
- II - Área de Relevante Interesse Ecológico
- III - Reserva Extrativista
- IV - Floresta Nacional
- V - Reserva de Fauna
- VI - Reserva de Desenvolvimento Sustentável
- VII - Reserva Particular do Patrimônio Natural⁶

No caso das Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN), que são UCs em propriedades privadas, o proprietário, por sua iniciativa, destina uma parte da área da propriedade para a conservação de suas características naturais.

Vale ressaltar que as Unidades de Conservação podem ser criadas pelos três níveis de poder público: Federal, Estadual e Municipal. Além disso, as UCs, exceto Área de Proteção Ambiental e Reserva Particular do Patrimônio Natural, devem possuir uma zona de amortecimento e, quando conveniente, corredores ecológicos (Ver termos no glossário).

Unidades de Conservação Federais

Número de UCs mapeadas	Número de UCs cadastradas	Número de UCs nos Grupos		Área das UCs mapeadas (ha)		
		Proteção integral	Uso sustentável	Proteção integral	Uso sustentável	Total
245	707	118	589	28.554.679,31	34.677.099,19	63.231.778,50

Fonte: MMA, 2006.

As UCs brasileiras enfrentam alguns problemas como: a deficiência de pessoal em número e qualificação, a falta de regularização fundiária⁷ e a inadequada infra-estrutura. Tais problemas exigem do poder público uma ação imediata para proteger convenientemente essas áreas e fazê-las cumprir seu papel ecológico e social.

Uma UC deve, necessariamente, dispor de um *Plano de Manejo* (veja tema, a seguir), documento que contém toda sua caracterização e indica seus possíveis usos. De acordo com legislação vigente, esse documento deve ser elaborado até cinco anos após a criação da UC. No entanto, verifica-se que inúmeras UCs brasileiras não dispõem de Plano de Manejo, o que afeta as estratégias de conservação, de pesquisa e de uso público (ecoturismo e educação ambiental) dessas áreas.

⁵ Lei Federal nº 9985/2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC

⁶ O documento onde são apresentadas todas as categorias de UCs e suas especificidades o SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação pode ser encontrado na Internet, no link: www.mma.gov.br/port/sbf/dap/doc/snuc.pdf.

⁷ Muitas vezes, quando uma UC de proteção integral é criada, há pessoas morando em áreas que a integrarão. É necessária a desapropriação e indenização dessas pessoas. No entanto, costuma ocorrer a criação de UCs sem que a situação dos moradores seja regularizada.



Vejamos um pequeno texto sobre o Parque Estadual do Morro do Diabo (SP), no qual se verifica a pressão sobre o local:

No Pontal do Paranapanema, a Sudoeste do Estado de SP, localizam-se 85% dos remanescentes da mata de planalto, a maior parte protegida pelo Parque Estadual Morro do Diabo, no Município de Teodoro Sampaio. Essa unidade de conservação, administrada pelo Instituto Florestal, órgão da Secretaria do Meio Ambiente, possui uma área de aproximadamente 34 mil hectares.

Além de ser a maior reserva natural de peroba-rosa do Estado, é um dos últimos refúgios da região para a fauna, abrigando espécies endêmicas como o mico-leão-preto e a onça-pintada, entre outras espécies ameaçadas de extinção.

Pressões político-econômicas e demográficas vêm ocasionando a super-exploração das terras, onde são constantes os conflitos fundiários e as invasões de sem-terra. Como consequência, vem aumentando também a pressão sobre os remanescentes de mata, ocasionando inclusive os impactos diretos no parque, como queimadas, e o chamado *efeito de borda*, que consiste na degradação ocasionada pela ocupação do entorno do parque. (Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 2003).

Para poder garantir os objetivos de criação da unidade de conservação, eliminando ou diminuindo as pressões como a apontada acima, os gestores dessas áreas buscam ferramentas que garantam o manejo delas.

Entende-se por manejo um conjunto de intervenções que promovam a conservação biológica, incluindo levantamentos, planejamento de usos, criação e ações coordenadas que viabilizem a sua manutenção como um todo.

O manejo de UCs é o conjunto de ações e atividades necessárias ao alcance dos objetivos de conservação de áreas protegidas, incluindo as atividades afins, tais como proteção, recreação, educação, pesquisa e manejo dos recursos, bem como as de administração ou gerenciamento.

Planos de Manejo de Unidades de Conservação

Assim, para manejar uma unidade de conservação, é necessário elaborar um plano. Segundo o SNUC, o plano de manejo:

É um documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade.

As UCs devem cumprir importantes funções ecológicas, econômicas, sociais e políticas.

O plano de manejo é composto por duas partes principais: o diagnóstico da área e as propostas de ações, esta última subdividida em duas partes: o zoneamento, que define áreas de uso da UC; e os programas de manejo, que definem as maneiras como as ações de conservação, pesquisa, uso público (ecoturismo e educação ambiental), entre outras.

Para elaborar um plano de manejo adequado às ações de conservação e demandas da sociedade, deve-se considerar algumas premissas:

a) a busca por alternativas de geração de receita pela UC: o plano de manejo deve buscar estratégias para implantação de atividades que não destruam a natureza e que gerem recursos para a UC, atividades essas associadas principalmente ao uso público - ecoturismo, educação ambiental e formas de apoio à visitação, como monitoria, hospedagem e alimentação, entre outras;

b) o planejamento participativo: essa forma de planejamento visa a tornar o plano de manejo mais ajustado à realidade local, incorporando as demandas da sociedade nas estratégias de conservação.

Inserido no Plano de Manejo está o *Programa de Uso Público*, que traça as diretrizes para o ecoturismo e educação ambiental. Esse programa tem como objetivo ordenar, orientar e direcionar o uso da UC pelo público, promovendo o conhecimento do meio ambiente como um todo, considerando práticas como a da interpretação ambiental.

Além desse programa, o zoneamento do plano de manejo da UC também dá diretrizes específicas sobre o ecoturismo e educação ambiental. Trata-se das *zona de uso intensivo* e da *zona de uso extensivo*.

Na *zona de uso intensivo* estarão concentradas todas as infra-estruturas de apoio à visitação, tais como: centros de visitantes, hospedaria, restaurante, lojas de *souvenirs*, entre outras, assim como uma maior quantidade de serviços, como apoio de guias ou monitores.

A *zona de uso extensivo* são áreas mais distantes dos centros de apoio. Nessas zonas, é desejável que a visita se estabeleça em grupos pequenos e monitorados, devido às características de fragilidade ambiental. Nelas, a infra-estrutura restringe-se apenas às de apoio, como quiosques em pontos de parada. A ênfase nas técnicas de interpretação ambiental e de avaliação de impactos (vide módulo I) deve ser reforçada para evitar problemas à natureza.

Alguns parques nacionais, estaduais e municipais representam grande atração para os praticantes do turismo em ambientes naturais. Como exemplos, tem-se o Parque Nacional de Itatiaia (RJ), o Parque Nacional de Iguazu (PR), o Parque Estadual da Serra do Mar (SP), o Parque Estadual da Tijuca (RJ), Parque Estadual de Campos do Jordão (SP), entre muitos outros, demonstrando que esses ambientes estão conquistando cada vez mais visitantes, tanto entre os brasileiros quanto entre estrangeiros.



Cataratas no Parque Nacional do Iguaçu (PR)

Crédito: AVT

Atividades

- 1) Dividir a sala em grupos. Cada grupo de alunos deverá pesquisar um tipo de Unidade de Conservação e construir um mapa, localizando as ocorrências desse tipo de Unidade de Conservação no Brasil. Apresentar para os demais colegas.

- 2) Analisando os dados da tabela apresentada, pesquise UCs federais abertas à visitação, a categoria a que pertence e onde se localizam.

Unidades de Conservação Federais abertas à visitação pública		
Grupo/Categoria de Manejo	Número de Unidades de Conservação	
	Cadastradas	Abertas à visitação
Proteção Integral		
Estação Ecológica	31	0
Monumento Natural	0	0
Parque Nacional	58	15
Refúgio de Vida Silvestre	2	0
Reserva Biológica	27	0
Total Parcial	118	15

Fonte: MMA, 2006.

- 3) Pesquise se há alguma Unidade de Conservação em seu município ou estado. De que tipo? O turismo é desenvolvido nela(s)? Quais são as principais atividades e características da atividade? Ela tem Plano de Manejo? Como se encontram as diretrizes para o ecoturismo nesse plano?
- 4) Pesquise o histórico da criação das Unidades de Conservação.



Para que o ecoturismo possa ser desenvolvido respeitando a natureza e cultura local, inserindo a comunidade local nas decisões, assim como contribuindo para que o ecoturista tenha uma experiência rica e agradável, é necessário investir no planejamento das atividades.

O *planejamento* é uma atividade que envolve vários profissionais, é dinâmica e contínua, estando presente em todas as fases do desenvolvimento do turismo.

Para realizar o planejamento, deve-se:

- Identificar seus objetivos (valorizar culturas locais, diversificar a economia local, qualificar a mão-de-obra local, educar o visitante, diminuir impactos ambientais, incentivar um ganho de qualidade nos produtos etc.);
- Pensar na relação e integração de vários aspectos que compõem a área de estudo: físico e ambiental, legal, financeiro, político-institucional, promocional, econômicos, sociais, culturais;
- Verificar o tamanho da área de estudo: internacional, nacional, macro e micro regional, municipal, local.

Estes itens precisam ser levados em conta, uma vez que o ecoturismo deve:

- Contribuir para a conservação do meio ambiente;
- Promover a valorização cultural das comunidades e sua capacitação para o gerenciamento participativo e de mínimo impacto dos recursos envolvidos;
- Buscar a diversificação e integração econômica para a melhoria da qualidade de vida das comunidades;
- Procurar no desenvolvimento do ecoturismo, a integração e equilíbrio entre conservação ambiental, respeito pela cultura local e a diversificação de atividades econômicas que devem ocorrer graças ao processo participativo.

Etapas do planejamento

Todo processo de planejamento envolve as fases de inventário, ou levantamento da situação inicial, definição de objetivos e metas, desenvolvimento de ações e avaliação, em um processo seqüencial. Apontamos, a seguir, as principais questões que precisam ser respondidas para o início do processo de planejamento:

- 1) Levantamento da situação: onde estamos?
É o conhecimento da realidade, das estruturas, atrativos, serviços, clientes, visão da comunidade sobre o turismo, problemas e necessidades existentes, etc.
- 2) Objetivos e metas: aonde queremos chegar?
O que queremos do turismo para a comunidade a curto e médio prazo?
- 3) Ações: como chegaremos lá?
Definição das ações necessárias para atingir os objetivos.
- 4) Avaliação e monitoramento: como saber se atingimos os objetivos?
Analisando metas, produtos e sistemas de monitoramento, que forneçam indicadores sobre os resultados e as necessidades de correção e adequação.

A sustentabilidade do planejamento

As técnicas e recursos atuais de planejamento devem ter como base os princípios e diretrizes do "desenvolvimento sustentável". Sobre esse assunto, veja o módulo II do livro *Ética, Meio Ambiente e Cidadania para o Turismo*. Com base, nos princípios do desenvolvimento sustentável, foi construído o conceito de turismo sustentável, fundamental para o planejamento do ecoturismo.



O turismo sustentável pode ser visto como a atividade turística que não altera as características de um local, mantendo-o em condições adequadas de conservação.

Dessa forma, o turismo sustentável é aquele que:

- Opera dentro da capacidade de geração e produtividade da natureza;
- Reconhece a contribuição que pessoas e comunidades, hábitos e estilos de vida, trazem para a experiência do turismo;
- Aceita que as pessoas da comunidade local devam receber uma parte justa nos benefícios econômicos do turismo;

Para tanto, valem os seguintes princípios:

- Usar os recursos naturais, sociais e culturais de forma sustentável;
- Manter a diversidade natural, social e cultural;
- Integrar o turismo no planejamento;
- Apoiar as economias locais;
- Consultar o público envolvido com o ecoturismo;
- Treinar e capacitar mão-de-obra;
- Reduzir o consumo excessivo e o desperdício;
- Realizar pesquisas e monitoramento.



Oficina de capacitação Caminhos do Futuro em São Raimundo Nonato (PI)

O turismo sustentável visa, então, a compatibilizar o desenvolvimento turístico e a conservação dos recursos utilizados por ele, gerando lucro. É guiado pela idéia de conservar e fazer bom uso dos recursos.

O turismo sustentável também é aquele que gera benefícios à localidade onde se desenvolve, sem prejudicá-la. Para que o núcleo receptor⁸ seja beneficiado com o turismo, é importante satisfazer, principalmente, as seguintes necessidades: dos turistas (de se divertir, conhecer, aprender); de proteção dos recursos naturais (cachoeiras, rios, árvores, animais) e culturais (construções como igrejas, vestígios antigos, tradições); e da comunidade receptora (hábitos e costumes, modo de vida).

Lembre-se de que o modo de vida de sua comunidade pode ser muito interessante para os visitantes. Assim, a língua, o sotaque, a alimentação, o modo de vestir, as festas religiosas, tudo isso faz parte do que o visitante quer conhecer. É importante ter orgulho de quem você é!

Outra questão importante é que qualquer tipo ou modalidade de turismo pode ser sustentável e não apenas o ecoturismo. Não importa se o turismo mais adequado para uma localidade seja o turismo cultural, o turismo de aventura, o turismo rural ou o ecoturismo. Todos eles devem ser sustentáveis, respeitando o local onde acontecem. Então, em qualquer modalidade de turismo, as atividades praticadas devem causar o mínimo impacto possível (em todos os aspectos - naturais socioculturais e econômicos) e os benefícios devem superar os efeitos negativos.

Atividades

- 1) Dê exemplos de recursos naturais existentes na área onde você vive ou em local próximo. Como é o estado de conservação deles?
- 2) Como você imagina que seria o turismo sustentável em sua localidade? De que maneira você acha que os moradores de sua comunidade podem contribuir para o desenvolvimento desse tipo de turismo?
- 3) Se já houver turismo em sua região, pesquise se os moradores da área estão envolvidos na atividade turística, de que forma e se eles participam da tomada de decisões sobre o desenvolvimento da atividade.

Inventário do potencial ecoturístico

O inventário do potencial ecoturístico é um grande levantamento sobre o que a localidade possui: atrativos, equipamentos, infra-estrutura e outros elementos que constituem sua caracterização e representa a primeira e fundamental etapa do processo de planejamento da atividade.

Para realizar um bom inventário, no entanto, serão necessários conceitos discutidos mais adiante. Assim sendo, propõe-se, neste momento, apresentar apenas o levantamento dos atrativos turísticos. (Para saber mais sobre inventário, ver a seguir "Caracterização da oferta e da demanda")

Principais atrativos a serem inventariados no caso do ecoturismo⁹

a) Atrativos naturais (cênicos, recursos remanescentes ou em extinção):

- Áreas naturais protegidas – as unidades de conservação e demais áreas que permitem visitação;
- Montanhas (picos, serras e cânions, suas trilhas e mirantes);
- Planaltos e planícies (chapadas e vales);
- Costas e litorais (praias, manguezais, recifes de corais, baías e enseadas, barras de rios, dunas);
- Ilhas e arquipélagos (locais para mergulho);
- Cavidades subterrâneas (grutas e cavernas);
- Recursos hídricos (rios, lagos, canais, cachoeiras, corredeiras, praias de rio, balneários);
- Flora (mata primária e secundária, exemplares raros ou em extinção);
- Fauna (observação de aves, ninhais criadouros, presença ou vestígios de mamíferos, animais em extinção, locais para pesca, criadouros).

⁸ Núcleo receptor é a localidade que recebe os turistas.

⁹ Dados extraídos e adaptados do texto de BORGES, M.M. Levantamento do potencial ecoturístico (inventário). In: WWF - Brasil. *Manual de Ecoturismo de Base Comunitária – ferramentas para um planejamento responsável*. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

b) Atrativos e manifestações culturais, religiosas, cívicas, artísticas ou populares:

- Culturais e históricos (sítios históricos, arqueológicos, ou étnicos, monumentos, construções, vestígios e esculturas civis, religiosas e históricas, museus, eventos e festas culturais, minas antigas, estradas e trilhas históricas);
- Gastronômicos (bebidas, comidas, doces e salgados típicos);
- Artísticas (contadores de história, grupos étnicos, folclóricos e populares de danças e música);
- Artesanato (cestaria, tapetes, cerâmicas, metais, pinturas, papel, motivos locais);
- Eventos programados;
- Centros técnicos (zoológico, jardins botânicos, hortos).

Um destaque: quando pensamos em atrativos turísticos, devemos ter em mente que eles devem ser hierarquizados. Uma forma de avaliar seu potencial de atratividade é mostrada no quadro que segue:

Hierarquia para definir potencial de atratividade	
Hierarquia 4:	Recurso turístico de grande interesse, capaz de, por si só, atrair visitantes internacionais, interestaduais e regionais.
Hierarquia 3:	Recurso turístico de interesse capaz de, por si só, atrair visitantes interestaduais e regionais, servindo ainda como complemento para aqueles de hierarquia 4.
Hierarquia 2:	Recurso turístico de relativo interesse capaz de, por si só, atrair visitantes regionais, podendo servir, ainda, como complemento para aqueles de hierarquia superior.
Hierarquia 1:	Recurso turístico sem potencial suficiente para, por si só, atrair visitantes locais, podendo servir, porém, como complemento para aqueles de hierarquia superior.

Atividades

- 1) Pesquise uma destinação turística famosa por desenvolver o ecoturismo e descreva suas principais características.
- 2) Pesquise o termo bioma. Qual o bioma mais representativo de sua região?
- 3) Pesquise atrativos de sua localidade, de acordo com os itens apresentados: 'Atrativos naturais' e 'Atrativos e manifestações culturais, religiosas, cívicas, artísticas ou populares'.
- 4) Em grupos, monte um quadro com exemplos de atrativos de cada uma das hierarquias apresentadas.

Caracterização da oferta e da demanda

Deve-se atentar para o fato de que o desenvolvimento do ecoturismo ou de outras modalidades de turismo na natureza não depende somente da quantidade ou da qualidade dos recursos naturais, já que, como foi apontado no módulo II, o Brasil os tem em grande quantidade. É necessário que esses recursos sejam preparados para se tornar atrativos turísticos e que, em seu entorno, existam equipamentos e infra-estrutura para o atendimento do turista.

Para o desenvolvimento do turismo em ambientes naturais, é igualmente necessário analisar questões legais e políticas, tais como existência, no local ou nas proximidades, de Unidades de Conservação, áreas de conflitos territoriais ou áreas indígenas. Além disso, é importante que haja um certo grau de salubridade na área, disponibilidade de serviços de saúde e segurança ao visitante. É também recomendável que seja feita uma avaliação sobre as potencialidades da região, propriedade ou UC, complementada por uma análise sobre as pessoas que podem visitar esses atrativos e sobre como atraí-los.

Vale lembrar, sempre, que o turismo depende de uma série de elementos para acontecer: *atrativos, equipamentos e serviços, infra-estrutura, super-estrutura*¹⁰, *comunidade* e *turistas*. Vamos pensar, neste capítulo, especialmente, a respeito da *oferta* e da *demand*a no turismo em ambientes naturais.

Caracterização da oferta

A *oferta turística* é o conjunto de atrativos, equipamentos e serviços voltados a atender e satisfazer o turista, somados à infra-estrutura local (também conhecida como 'facilidades'). Todos esses itens, quando organizados, articulados e, principalmente, comercializados, transformam-se em produto turístico; portanto a oferta turística inclui o produto turístico, por ser mais ampla. *Atrativos* são os elementos que justificam a vinda do turista e são o que realmente o atrai; as cachoeiras, os rios, a mata, as tradições, o artesanato local, entre outros exemplos.

Equipamentos e serviços englobam todas as estruturas e profissionais voltados ao atendimento do turista, como hotéis, pousadas, *campings*, restaurantes, agências de viagem e serviços de monitoria. A *infra-estrutura local* são os serviços de fornecimento de água, tratamento e coleta de lixo e esgoto, sistema de comunicações, vias de acesso (ruas, avenidas, estradas, portos, marinas, aeroportos), e iluminação pública. A *oferta* depende de esforços conjuntos de órgãos públicos e privados.

É importante prestar atenção para que o turismo, independentemente da modalidade que será ofertada, seja sustentável. Isso quer dizer que devemos sempre dar preferência a técnicas ecológicas, com o uso de energia renovável, sistema de tratamento de esgoto, reciclagem, suporte comunitário, com mão-de-obra do local, arquitetura, gastronomia e decoração típicas da área e contribuição com projetos de conservação ambiental.

¹⁰ Entendida como a legislação e toda normalização que interfere na atividade.



Vejam os textos sobre empresas que oferecem viagens de ecoturismo:

Em pesquisa realizada junto a agências de ecoturismo do Brasil, a Profa. Doris Ruschmann verificou que a maioria das agências foi fundada entre os anos de 1986 e 1990, possui de 1 a 4 sócios, cuja faixa etária oscila entre 24 e 35 anos, em São Paulo, e entre 36 e 45 anos nos outros estados. Grande parte possui instrução superior nas áreas de humanas e biológicas e, dentre os motivos que os estimularam a criação das empresas, foram citados: experiência prévia como guia ecológico em outras agências, o interesse pela natureza ou “hobby”. As empresas possuem de 1 a 5 funcionários e muitos deles trabalham como guias “free lancers”. Para divulgar seus produtos, utilizam a mídia impressa (jornais/revistas), mala direta e participação em “workshops” no Brasil e no exterior. O faturamento médio mensal da maioria das empresas situa-se por volta de US\$ 20.000 e poucas (9,5%) acusaram um faturamento acima de US\$ 111.000 por mês. Quanto aos equipamentos que possuem, a grande maioria citou mais de 5 linhas telefônicas para operação “on-line” para reservas de passagens nas companhias aéreas. 52,3% das agências pesquisadas de São Paulo e 28,5% de outros estados operam apenas com “pacotes” de ecoturismo, e as demais trabalham com todos os tipos de turismo. Quanto às épocas de maior procura por viagens ecoturísticas, citaram os meses de julho, dezembro, janeiro e fevereiro (férias escolares) e os feriados prolongados – religiosos ou cívicos.

A duração média da maioria das viagens (69,3%) é de 1 a 3 dias, e 42,8% registram uma duração de 4 a 9 dias. Em São Paulo, 38,1% das agências de ecoturismo realizam excursões com grupos de 31 a 40 pessoas, e os grupos de 11 a 20 pessoas são comercializados por 23,8% dos entrevistados. Nos demais estados do país, os agentes declaram organizar grupos de 11 a 20 pessoas. O meio de transporte mais utilizado nas excursões ecológicas é o ônibus, seguido do avião, barcos (motorizados ou não), automóvel e trem. Ressalte-se que a deficiente malha ferroviária do país limita as excursões e passeios de curta duração em trens turísticos.

Nos destinos, os deslocamentos são predominantemente feitos a pé, com barcos (motorizados ou não), animais de montaria e bicicletas. As atividades desenvolvidas durante as viagens ecológicas constituem-se de caminhadas, banhos nos rios, *raftings*, estudos do meio, safáris fotográficos e brincadeiras recreativas. Além disso, os turistas são orientados sobre o comportamento adequado à proteção do meio visitado e às características dos ecossistemas, recebem informações sobre a fauna, a flora e o manejo dos equipamentos (barcos, remos, etc.). O alojamento utilizado pela maioria das agências constitui-se de pousadas ou hotéis simples, *campings* e albergues da juventude. Apenas 19,5% dos agentes entrevistados utilizam hotéis de luxo para acomodar os seus clientes durante suas visitas ecológicas.

Caracterização da demanda

A *demanda turística* refere-se a quem utiliza os serviços de uma localidade, propriedade ou empreendimento turístico.

A demanda, ou público-alvo, do *ecoturismo* é composta, normalmente, de pessoas com nível elevado de escolaridade e renda, que desejam conhecer e experimentar o convívio com a natureza e estudar o meio ambiente; entre eles estão os observadores de aves e outros animais, estudantes em viagens a campo ou visitas técnicas e também os turistas tradicionais que, em meio à sua programação convencional, buscam programas de ecoturismo próximos ao seu destino, porém de forma leve, com pouco esforço físico.

No *turismo rural*, o visitante costuma viajar com a família e busca o contato com a vida no campo. O turista rural procura entrar em contato com os moradores da propriedade visitada e participar de suas atividades rotineiras como colheita de frutas e vegetais, ordenha de vacas, secagem e moagem de grãos e elaboração de doces e compotas. Além disso, o turista rural busca a alimentação típica da localidade, quer ouvir histórias e músicas tradicionais, conhecer o modo de vida das pessoas daquela área, seu sotaque, modo de vestir, etc.

No caso do *turismo de aventura*, a principal motivação da viagem é a busca de emoções e aventura, estar com amigos, conhecer novas pessoas e exercitar-se fisicamente.

Na demanda, devemos prestar atenção, principalmente, a esses fatores: procedência do visitante, poder de compra, faixa de idade, atividades ou interesses específicos, forma de viajar, tempo disponível, sazonalidade¹¹, características especiais (deficientes físicos, por exemplo).

Vejam um pouco mais sobre a demanda de ecoturismo:

Quanto aos segmentos ou tipos de “ecoturistas”, em termos gerais, podem ser assim identificados como ecoturistas típicos ou comuns: famílias, com instrução superior e nível de renda muito bom que desejam conhecer e experimentar o convívio com a natureza e ter contatos culturais; os cientistas normalmente subsidiados por bolsas de instituições de pesquisa; os observadores de aves e outros animais; os aventureiros que praticam esportes de aventura na natureza; e os novos ecoturistas, turistas tradicionais que, em meio à sua programação convencional, se interessam por um programa de ecoturismo próximo ao seu destino, porém de forma leve, sem níveis elevados de esforço físico e dispondo de poucas informações anteriores à viagem.

Pesquisa conduzida pela Profa. Doris Ruschmann indica que a maioria dos clientes de agências de ecoturismo no Brasil (83,6%) é constituída de turistas brasileiros, com rendimentos individuais mensais situados entre US\$ 1.300 e US\$ 2.000. A motivação de viagem que predomina na opção por uma viagem ecológica é o contato com a natureza, seguida pela busca de emoções e aventura, curiosidade, estar com amigos, conhecer novas pessoas, estudar o meio ambiente e exercitar-se fisicamente. Turistas de todas as faixas etárias participam das excursões ecológicas, desde os 15 anos até aqueles com mais de 56 anos, havendo, porém, uma predominância dos clientes da faixa etária situada entre os 26 e 55 anos. Quanto ao sexo dos turistas ecológicos, as agências da cidade de São Paulo registram a predominância de clientes do sexo feminino (63,9%) e os outros estados apresentam um equilíbrio entre turistas do sexo masculino e feminino. O grau de instrução de 75,3% dos ecoturistas equivale ao curso superior completo ou em andamento (estudantes) e as profissões liberais predominam no item relacionado à ocupação dos entrevistados. A indicação de amigos e parentes influencia 61,5% dos turistas entrevistados na escolha da agência de ecoturismo e 40% declararam que já realizaram mais de 10 viagens ecológicas.

¹¹ Variação da demanda ao longo de um período de tempo, refletindo, muitas vezes, períodos de alta e baixa estação.

Ao final deste livro, encontram-se dois modelos de questionários: um é voltado aos moradores e outro aos visitantes. Eles podem ser adaptados, modificando ou retirando questões. Um conselho: não aplicar um questionário longo demais; normalmente, 18 a 20 perguntas, apresentadas em cerca de 10 minutos, é o suficiente para obter as informações desejadas. Devemos sempre refletir sobre o que realmente importa perguntar, para não cansar o visitante e ter respostas adequadas.

Inventário Turístico

Agora que os principais elementos da atividade turística foram apresentados, encontramos as condições ideais para detalhar o inventário turístico. Apresenta-se, então, o roteiro para realização do inventário de uma localidade. Mas lembre-se: este roteiro é apenas uma sugestão e pode ser adaptado às condições da localidade que você queira estudar. Trata-se das principais informações para um bom diagnóstico acerca das práticas turísticas de um município ou região. E, é claro, não se aplica apenas ao ecoturismo, mas a todas as modalidades ou segmentos do turismo.

Roteiro para Inventário da oferta turística¹²

PARTE I - Caracterização Geral

1. Delimitação da área

- 1.1** Área
- 1.2** Localização
 - 1.2.1 Coordenadas geográficas
 - 1.2.2 Distância de outros municípios
 - 1.2.3 Limites
- 1.3** Acessos e sistemas de transportes (de acesso ao município)

2. Aspectos legais e administrativos

- 2.1** Organização política e social
 - 2.1.1 Composição do governo municipal (executivo e legislativo)
 - 2.1.2 Entidades sociais e lideranças atuantes
- 2.2** Legislação
 - 2.2.1 Código de obras
 - 2.2.2 Código de postura municipal
 - 2.2.3 Código sanitário
 - 2.2.4 Legislação de proteção ambiental/relativa a Unidades de Conservação
 - 2.2.5 Leis de zoneamento e parcelamento e ocupação do solo
 - 2.2.6 Leis orgânicas
 - 2.2.7 Planos diretores
 - 2.2.8 Outras

3. Aspectos socioeconômicos

- 3.1** Aspectos demográficos
 - 3.1.1 Composição da população (sexo e idade)
 - 3.1.2 Distribuição territorial da população
 - 3.1.3 Taxa de natalidade e mortalidade
 - 3.1.4 Expectativa de vida
 - 3.1.5 Estrutura familiar
 - 3.1.6 Rendimento
 - 3.1.7 Outras informações
- 3.2** Aspectos sociais
 - 3.2.1 Habitação
 - 3.2.2 Educação
 - 3.2.3 Assistência social
 - 3.2.4 Saúde
 - 3.2.5 Existência de conflitos sociais entre a população tradicional e Unidades de Conservação
- 3.3** Aspectos econômicos
 - 3.3.1 Setores de produção (agrícola, indústria, comércio, e serviço)
 - 3.3.2 Vocação econômica do município
 - 3.3.3 População economicamente ativa (total e empregada no setor turístico)
 - 3.3.4 Despesa e receita pública

¹²Desenvolvido com base em um encontro na cidade do Rio de Janeiro, na década de 70, pela OEA - Organização dos Estados Americanos - pela CICATUR - Centro de Investigação e Capacitação para o Turismo - e pela EMBRATUR - Empresa Brasileira de Turismo (atual Instituto Brasileiro de Turismo) para a formação de planejadores com ênfase na atividade turística.



- 3.3.5 Demanda turística (comportamento dos consumidores, fatores que influenciam a demanda, elasticidade-preço e elasticidade-renda)
- 3.3.6 Oferta turística
- 3.3.7 Mercado turístico (equilíbrio do mercado, tipo de mercado)
- 3.4 Recursos humanos**
 - 3.4.1 Características do mercado de trabalho (qualidade do mercado de trabalho e da demanda, ou seja, que profissionais são absorvidos pelo setor produtivo)
 - 3.4.2 Qualidade da oferta (característica da população economicamente ativa, como grau de instrução, formação específica, etc.).
 - 3.4.3 Oferta de instruções/ações de formação profissional/aperfeiçoamento da mão-de-obra turística
 - 3.4.4 Recrutamento e seleção nas empresas turísticas

4. Infra-estrutura básica urbana

- 4.1 Abastecimento de água
- 4.2 Rede de esgoto
- 4.3 Limpeza pública
- 4.4 Energia elétrica
- 4.5 Transporte urbano e rural (incluindo táxi)
- 4.6 Abastecimento
- 4.7 Equipamento médico-hospitalar
- 4.8 Sistema de comunicação
- 4.9 Sistema de segurança e salvamento

PARTE II - Aspectos Turísticos

1. Aspectos ambientais e atrativos naturais

- 1.1 Análise da paisagem
 - 1.1.1 Tipificação (características geomorfológicas, climáticas, hidrográficas e ecológicas - vegetação e fauna)
 - 1.1.2 Qualidade visual da paisagem
 - 1.1.3 Intrusão visual
- 1.2 Identificação e caracterização dos atrativos naturais
- 1.3 Identificação e caracterização dos atrativos naturais potenciais

2. Aspectos histórico-culturais e atrativos/recursos histórico-culturais

- 2.1 Histórico do município
- 2.2 Folclore/hábitos de vida/principais culturas envolvidas na formação da população
- 2.3 Atrativos/recursos turísticos histórico-culturais
- 2.4 Manifestações e uso tradicional e popular - gastronomia típica, artesanato, feiras e mercados.
- 2.5 Realizações técnicas e científicas contemporâneas
- 2.6 Acontecimentos programados (incluindo festas, comemorações, atividades religiosas, populares, folclóricas e cívicas)

Obs: Caso não haja, elaborar o calendário de eventos do município.

3. Entretenimento

- 3.1 Áreas de recreação e instalações esportivas
- 3.2 Estabelecimentos noturnos
- 3.3 Outros (escola de samba, cinema, teatro etc)

4. Meios de hospedagem - existentes, em construção, projetos

Obs: Apresentar tipologia e classificação dos meios de hospedagem, número e tipo de unidades habitacionais (UHs) (por meio de hospedagem e total do município); receita anual, diária média e taxa de ocupação (por meio de hospedagem e média do município); verificar a existência de serviços de alimentação nos meios de hospedagem (levantar número de restaurantes e bares e número de lugares por meio de hospedagem e total do município); verificar a existência de áreas para eventos nos meios de hospedagem (área e capacidade por meio de hospedagem e total do município); identificar percentual de hóspedes participantes de eventos; incluir tabelas, quadros e gráficos que facilitem a visualização.

5. Alimentação - existentes, em construção, projetos

Obs: Informar o tipo de empreendimento (se pertence a uma cadeia ou se está instalado dentro do meio de hospedagem ou outro estabelecimento); a tipologia (convencional, de especialidade, lanchonete, bar, etc.); o serviço predominante (balcão, à mesa, *self service*, rodízio); a localização completa; a descrição sumária das condições físicas e dos equipamentos existentes; a capacidade e ocupação (número de assentos - mesa ou balcão, rotatividade, sazonalidade da demanda, capacidade total); a predominância do cardápio (incluindo preços dos produtos mais significativos); os dias/horários de funcionamento; a quantidade de funcionários por função; a administração de recursos humanos quanto a recrutamento, seleção e treinamento; o consumo médio *per capita*; o faturamento; a existência de concorrentes. Considerar também os estabelecimentos de alimentação existentes nos meios de hospedagem; apresentar dados sobre cada estabelecimento e totais/médias do município, incluindo tabelas, quadros e gráficos, que facilitem a visualização.

6. Outros serviços turísticos e de apoio ao turista

- 6.1 Agenciamento (incluindo serviços de turismo receptivo)
- 6.2 Transportadoras turísticas
- 6.3 Informações turísticas
- 6.4 Locadoras de imóveis
- 6.5 Locadoras de veículos
- 6.6 Atendimento a veículos (postos de abastecimento, mecânicas, borracharias, auto-elétricos, etc.)
- 6.7 Comércio turístico
- 6.8 Oportunidades especiais de compras
- 6.9 Casas de câmbio e bancos
- 6.10 Espaços para eventos (existentes, em construção e projetos)
- 6.11 Empresas organizadoras de eventos/e profissionais prestadores de serviços para eventos
- 6.12 Espaços para culto
- 6.13 Representação diplomática

7. Gestão turística

- 7.1 Histórico da atividade turística no município
- 7.2 Órgão oficial de turismo - data e instrumento legal de criação, composição e atribuições
- 7.3 Ações realizadoras e previstas para o desenvolvimento do turismo
- 7.4 Legislação turística
- 7.5 Conselho municipal de turismo - data e instrumento legal de criação, composição, atribuições, grau de atuação
- 7.6 Fundo municipal de turismo - data e instrumento legal de criação, gerenciamento, origem e utilização dos recursos
- 7.7 Inserção do município em planos, políticas, programa, projeto de desenvolvimento turístico de âmbito regional, estadual ou nacional
- 7.8 Ações de *marketing* realizadas e previstas
- 7.9 Orçamento destinado ao turismo
- 7.10 Benefícios e incentivos para o desenvolvimento do turismo no município
- 7.11 Existência de planos, programa ou projetos de educação ambiental para a população local e para os turistas
- 7.12 Organizações não-oficiais de turismo - data e instrumento legal de criação, composição e atribuição.

Atividades

- 1) Em grupos, desenvolva o inventário do município, utilizando, como principal subsídio, o roteiro de inventário turístico.
- 2) Se já houver turismo onde você vive, estude a demanda - o turista. Descubra quem é, de que tipo de atividades gosta, se é a primeira vez que visita a localidade e, ainda, se está satisfeito ou tem sugestões a apresentar.
- 3) Pesquise moradores do município para saber o que pensam sobre o desenvolvimento do turismo na localidade.

GLOSSÁRIO

Abiótico - Componente não-vivo do meio ambiente, como o solo, o ar ou água.

Ação antrópica - Tudo que resulta de interferência humana no ambiente, podendo ser positiva ou negativa.

Acqua Ride - O *Acqua Ride* é um esporte praticado em corredeiras de rios, onde o atleta se posiciona de peito em um mini bote inflável, enfrentando o desafio das águas brancas.

Agri, agro - Prefixos que indicam agricultura.

Ambiente - Todos os aspectos condicionantes que possam de alguma forma ter influência sobre a atividade que se pretende desenvolver. Corresponde às forças externas, condições e circunstâncias que propiciam a existência desta atividade, incluindo-se as fontes de risco. O ambiente inclui as tecnologias, os clientes, o mercado, a política estratégica em relação ao tema, ambiente físico, químico e biológico e suas inter-relações.

Antropogênico - Causado por ação humana.

Arbóreo - Relativo ou semelhante à árvore.

Asa Delta - Vôo livre com equipamento não-motorizado (uma espécie de asa usualmente constituída de lona e fibra de carbono), para uma ou duas pessoas, em que se plana no ar graças às correntes de ar.

Assoreamento - Processo de acumulação de sedimento em corpos d'água.

Atmosfera - Camada de gás que envolve o planeta.



- Atrativo** - É o recurso trabalhado, que motiva o deslocamento temporário dos turistas. Pode ser natural ou cultural.
- Balonismo** - É um esporte aéreo praticado com um balão de ar quente. Possui adeptos em todo o mundo. No Brasil, o esporte vem se tornando popular.
- Basalto** - Rocha cinza-escura ou preta, proveniente da transformação das lavas vulcânicas que extravasaram em certos períodos geológicos da história da Terra.
- Biodiversidade** - Variedade de vida existente em um local; “a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas” (Convenção de Diversidade Biológica).
- Bioma** - Unidade de paisagem terrestre em escala planetária, caracterizada por grandes formações vegetais e grandes zonas climáticas; exemplos: Floresta Tropical, Savana, Floresta Temperada, Floresta de Coníferas (Taiga), Tundra, Estepe e Deserto.
- Biomassa** - Peso total de todos os seres vivos em um determinado ambiente ou uma amostra. O termo também é utilizado na descrição de materiais orgânicos que podem ser empregados como combustível – material vegetal seco, lenha, resíduos orgânicos etc.
- Biosfera** - Parte do planeta onde se encontram os seres vivos; vai desde elevações de aproximadamente 10.000m acima do nível do mar até o fundo do oceano, algumas centenas de metros abaixo da superfície da Terra. A biosfera consiste na hidrosfera, a atmosfera mais baixa (troposfera) e na superfície da litosfera, que são habitadas por organismos ativos.
- Biótico** - Componentes vivos de um ecossistema.
- Biótopo** - Pequena área com condições uniformes (clima, solo) e uma distribuição característica de fauna e flora.
- Bóia-Cross** - Atividade turística de descer rios, utilizando uma câmara de ar de caminhão amarrada de forma a deslizar sobre a água, levando apenas uma pessoa por bóia. A descida do rio é feita em grupos.
- Canoagem** - Esporte cuja prática se originou no mar e consiste no uso de um caiaque (pequena embarcação, normalmente para uma ou duas pessoas), em que se percorrem trechos de água, remando. Há registros de que o caiaque foi criado na Groenlândia e existe desde tempos imemoriais, servindo de veículo de pesca e trabalho aos esquimós.
- Canyoning** - Técnicas de escalada, típicas do montanhismo, usadas para a investigação de cursos de rios, *canyons* e cachoeiras. Pode envolver trekking, rapel, tirolesa, rafting e outros esportes.
- Comunidade** - Unidade social com estrutura, organização e funções próprias dentro de um contexto territorial determinado. No caso de comunidade humana, é um grupo de pessoas, parte de uma sociedade maior, que vivem em uma determinada área e mantêm alguns interesses e características comuns.
- Conservação da natureza** - O manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e desejos das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral.
- Conservação *in situ*** - Conservação de ecossistemas e *habitats* naturais e manutenção e recuperação de populações viáveis de espécies em seus meios naturais e, no caso de espécies domesticadas ou cultivadas, nos meios onde tenham desenvolvido suas propriedades características.
- Corredores ecológicos** - Porções de ecossistemas naturais ou semi-naturais, ligando unidades de conservação, que possibilitam entre elas o fluxo de genes e o movimento da biota. Facilitam a dispersão de espécies e a recolonização de áreas degradadas, bem como a manutenção de populações que demandam, para sua sobrevivência, áreas com extensão maior do que aquelas das unidades individuais.
- Decídua** - Planta que perde todas as folhas durante um período do ano, geralmente no inverno ou na seca (estiagem).
- Desenvolvimento sustentável** - Promoção de um crescimento econômico que seja compatível com a preservação da natureza e de suprimento das necessidades básicas dos mais pobres (países periféricos, subdesenvolvidos, etc.). Esse desenvolvimento objetivaria promover o bem-estar de hoje e das gerações futuras.
- Diversidade biológica** - Ver biodiversidade.
- Dossel** - Cobertura da floresta feita pelas copas das árvores. É o “telhado” da floresta.
- Ecologia** - A ciência ou o estudo dos organismos em “sua casa”, ou seja, em seu meio; é o estudo das relações dos organismos, ou grupos de organismos, com seu meio, entendendo que o homem faz parte dessas relações; ramo da Biologia que estuda as relações entre os organismos vivos e entre os organismos e a parte abiótica (não-viva) dos ecossistemas.
- Ecossistema** - Designa o conjunto formado por todos os organismos vivos que habitam numa determinada área, pelas condições ambientais dessa área, e pelas relações entre as diversas populações e entre estas e o meio; representação sistêmica, portanto abstrata, da natureza na forma de compartimentos e setas que indicam os fluxos de energia e de matéria entre os seus elementos constituintes.

- Educação ambiental** - Processo de aprendizagem e comunicação de problemas relacionadas à interação dos homens com seu ambiente. É o instrumento de formação de uma consciência, por meio do conhecimento e da reflexão sobre a realidade ambiental.
- Endêmica** - Espécie característica de determinado local e só encontrada ali.
- Epífita** - Planta que vive sobre outro vegetal, apoiando-se nele, de maneira neutra ou benéfica. As epífitas não são parasitas.
- Erosão** - Remoção física de rocha ou de partículas de solo por um agente de transporte como água corrente, vento, gelo e gravidade.
- Estrato** - Cada uma das camadas organizadas verticalmente em uma floresta, desde as árvores que se destacam acima das copas principais (as árvores emergentes) até as espécies herbáceas, rasteiras que vivem próximas ao chão da floresta.
- Fauna** - Conjunto de animais próprios de uma região.
- Flora** - Conjunto de plantas de uma determinada região.
- Gestão Ambiental** - Aplicação de programas de utilização dos ecossistemas, baseada em teorias ecológicas sólidas, de modo que mantenha, da melhor forma possível, as comunidades vegetais ou animais como fontes úteis de produtos biológicos para o homem e, também, como fontes de conhecimento científico e de lazer. A orientação de tais programas deve garantir que os valores intrínsecos das áreas naturais não sejam alterados, para o desfrute das gerações futuras. A gestão ou manejo corretos exigem primeiro o conhecimento profundo do ecossistema para o qual ele é aplicado.
- Habitat** - Lugar onde um animal ou planta vive ou se desenvolve normalmente.
- Herbácea** - Planta desprovida de caule lenhoso persistente.
- Húmus** - O produto da decomposição parcial dos restos vegetais e animais que se acumulam no chão florestal.
- Impacto ambiental** - Toda ação ou atividade, natural ou antrópica, que produz alterações bruscas em todo o meio ambiente ou apenas em alguns de seus componentes. De acordo com o tipo de alteração, pode ser ecológico, social ou econômico.
- Manejo** - Todo e qualquer procedimento que vise a assegurar a conservação da diversidade biológica e dos ecossistemas.
- Meio ambiente** - O conjunto, em um dado momento, dos agentes físicos, químicos, biológicos e dos fatores sociais suscetíveis de terem um efeito direto ou indireto, imediato ou a longo prazo, sobre os seres vivos e as atividades humanas.
- Mergulho** - Atividade de descoberta do mundo abaixo das águas, desde os mergulhos com escafandro (tanques de oxigênio) até os mergulhos, utilizando apenas uma máscara, conhecidos como Scuba Diving ou simplesmente Scuba.
- Mountain bike** - Percurso de trilhas de montanhas ou estradas de terra com bicicleta, num percurso com diversos tipos de obstáculos.
- Pára-quedismo** - Os praticantes são conduzidos em uma aeronave até uma certa altura e, de lá, lançam-se ao ar, abrindo o pára-quedas após alguns segundos.
- Pecíolo** - Ramo que sustenta uma folha.
- Plâncton** - Organismo pequeno, freqüentemente microscópico, que flutua na água; constitui uma importante fonte de alimento para muitos animais maiores.
- Plano de manejo** - Documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade.
- Pneumatóforos** - Raízes com geotropismo negativo - isto é, que se afastam da Terra - que, ao fornecer oxigênio às partes submersas, funcionam como órgãos de respiração. Apresentam orifícios (lenticelas) em toda a sua extensão. Essas raízes atingem o nível das marés altas.
- Poluição** - A degradação da qualidade ambiental (a alteração adversa das características do meio ambiente) resultante de atividades que direta ou indiretamente prejudiquem a saúde, a segurança e o bem-estar da população, criem condições adversas às atividades sociais e econômicas, afetem desfavoravelmente a biota, as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente ou lancem matérias ou energia em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos.
- Preservação** - Conjunto de métodos, procedimentos e políticas que visem à proteção em longo prazo das espécies, *habitats* e ecossistemas, além da manutenção dos processos ecológicos, evitando a simplificação dos sistemas naturais.
- Programa de uso público** - Deve estar previsto no Plano de Manejo de uma UC e tem como objetivo ordenar, orientar e direcionar o uso da UC pelo público, promovendo o conhecimento do meio ambiente como um todo. Seus subprogramas são: Subprograma de Recreação (restrito aos parques nacionais) e Subprograma de Interpretação e Educação Ambiental.
- Proteção integral** - Manutenção dos ecossistemas, livres de alterações causadas por interferência humana, admitindo apenas o uso indireto dos seus atributos naturais.



- Rafting** - Fazendo uso de um bote inflável, os participantes remam e descem corredeiras de rios. Nesse esporte, o espírito de equipe e o sincronismo são fundamentais para o bom desempenho de um passeio ou de uma competição.
- Rapel** - Essa atividade consiste em utilizar técnicas verticais, com o uso de corda e equipamentos de segurança, para vencer obstáculos naturais como penhascos e paredões. É muito utilizado em diversas atividades como escaladas, estudos espeleológicos e em resgate em montanhas, entre outros.
- Recuperação** - Restituição de um ecossistema ou de uma população silvestre degradada a uma condição não-degradada, que pode ser diferente de sua condição original.
- Regulamento (Regulamentação)** - Ato administrativo ou normativo que tem como função explicitar a lei, dar-lhe exequibilidade ou prover sobre situações ainda não legisladas (regulamento autônomo). Em geral, são atos dos chefes do Poder Executivo (decretos).
- Restauração** - Restituição de um ecossistema ou de uma população silvestre degradada o mais próximo possível da sua condição original.
- Ruderal** - Referente a locais de cascalhos, refugos ou áreas perturbadas como beiras de estradas, ou plantas que crescem nesses locais; as plantas ruderais não são necessariamente ervas daninhas.
- Sazonalidade** - Variação na procura por determinada localidade em várias épocas do ano.
- Semidecídua** - Planta que perde parcialmente as folhas durante um período do ano, nunca ficando completamente desfolhada.
- Serapilheira** - Matéria orgânica (folhas, galhos, frutos, flores, restos de animais, etc.) em decomposição, encontrada no chão da floresta.
- Solo** - Combinação de matéria mineral e orgânica com água e ar acima da superfície de leito de rocha; material da terra modificado por processos físicos, químicos e biológicos como o que sustenta a vida vegetal radiculada.
- Stricto Sensu** - Locução latina que significa “em sentido restrito”. Por exemplo, cerrado *stricto sensu* significa o tipo de vegetação que representa o cerrado, que pode ser realmente chamada de cerrado.
- Tirolesa** - Travessia sobre um vão livre por meio de corda com roldana.
- Trekking** - Prática de percorrer áreas selvagens ou trilhas a pé, com percursos longos e vários graus de dificuldade.
- Tropical** - Referente às regiões entre 23°27' de latitude norte (Trópico de Câncer) e 23°27' de latitude sul (Trópico de Capricórnio).
- Unidade de Conservação** - Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.
- Uso direto** - Aquele que envolve coleta e uso, comercial ou não, dos recursos naturais.
- Uso indireto** - Aquele que não envolve consumo, coleta, dano ou destruição dos recursos naturais.
- Uso sustentável** - Exploração do ambiente de maneira a garantir a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, mantendo a biodiversidade e os demais atributos ecológicos de forma socialmente justa e economicamente viável.
- Vegetação** - Todas as plantas que se desenvolvem em uma determinada área e que a caracterizam; combinação de diferentes comunidades vegetais ali encontradas.
- Visita a cavernas** - Ida a cavernas, com equipamentos (lanterna e capacete). Ressalta-se que espeleologia é o estudo de cavernas.
- Vão livre** - Ao contrário do pára-quedismo e outros esportes de queda livre, em que o praticante salta e encontra a adrenalina na queda, no vão livre, o objetivo é subir.
- Xeromorfia** - Desenvolvimento ou adaptações que habilitam as plantas a reter água para que sobrevivam em ambientes carentes dela.
- Zona de amortecimento ou zona tampão** - O entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade.
- Zoneamento** - Definição de setores ou zonas em uma unidade de conservação com objetivos de manejo e normas específicas, com o propósito de proporcionar os meios e as condições para que todos os objetivos da unidade possam ser alcançados de forma harmônica e eficaz.
- Zoneamento ambiental** - A integração sistemática e interdisciplinar, da análise ambiental ao planejamento dos usos do solo, com o objetivo de definir a melhor forma de utilização.

ANEXO 1 - Formulário de Demanda Turística

Bom dia. Boa tarde. Meu nome é _____. Estamos realizando uma pesquisa com os visitantes de _____ para conhecermos a sua opinião sobre o potencial turístico do município. Podemos contar com a sua colaboração? Obrigado(a).

01 - Onde o(a) Sr(a) reside?

Cidade	Estado	País
--------	--------	------

02 - Qual o meio de transporte utilizado na viagem?

- | | |
|----------------------------------|---------------------------------|
| A - () Carro de passeio próprio | D - () Ônibus fretado |
| B - () Carro de passeio locado | E - () Ônibus de linha regular |
| C - () Táxi | F - () Outros: _____ |

03 - Como viajou?

- | | | |
|---------------------------------|--------------------------------|-------------------------|
| A - () Sozinho | | |
| B - () Em família | | |
| C - () Com amigos | | |
| D - Em excursão organizada por: | 1 - () Agência de viagem | 3 - () Algum conhecido |
| | 2 - () Entidades associativas | 4 - () Outros: _____ |

04 - Quanto tempo pretende permanecer na cidade?

- | | |
|-------------------------|----------------------------|
| A - () Meio dia | D - () Uma semana |
| B - () Um dia | E - () Mais de uma semana |
| C - () final de semana | F - () Outro período |

05 - Costuma visitar este local?

- | | |
|----------------------|-------------------------------|
| A - () Raramente | D - () Anualmente |
| B - () Semanalmente | E - () Mais de 1 vez por mês |
| C - () Mensalmente | F - () Primeira vez |

06 - Qual o meio de hospedagem utilizado em sua permanência neste município?

- | | |
|---------------------|-----------------------------------|
| A - () Hotel | D - () Casa de parentes e amigos |
| B - () Pensão | E - () Outros: _____ |
| C - () Acampamento | |

07 - Fez refeições na cidade?

- | | |
|-------------|-------------|
| A - () Sim | B - () Não |
|-------------|-------------|

08 - Em caso afirmativo, onde?

- | | |
|------------------------------------|-----------------------------------|
| A - () Restaurante | C - () Bar/Lancheonete/Similares |
| B - () No local onde está alojado | |

09 - Qual o principal motivo desta viagem?

- | | |
|----------------------------------|---------------------------------------|
| A - () Negócios | C - () Turismo. Que atrativos? _____ |
| B - () Visita a parentes/amigos | D - () Outros: _____ |

10 - Há alguma coisa em particular que poderia tornar a cidade mais atraente?

- | | |
|----------------------|-------------|
| A - () Sim | B - () Não |
| Se sim, o quê? _____ | |

11 - Quanto o(a) Sr(a) gastou ou pretende gastar entre refeições, artesanato, doces e outros produtos?

Valor: R\$ _____

12 - Classificar os preços em *Adequados, Altos, Médios ou Baixos*

LETRA	ITEM	ADEQUADOS	ALTOS	MÉDIOS	BAIXOS	NÃO UTILIZOU
A	Alojamento					
B	Alimentação (refeições)					
C	Lanches					
D	Artesanato e <i>souvenirs</i>					
E	Atrativos					



13 - Antes de chegar, qual era a sua expectativa em relação aos atrativos da cidade?

A - () Excelente B - () Boa C - () Regular D - () Ruim

14 - Agora que já passou pela cidade, qual sua opinião sobre ela?

A - () Excelente B - () Boa C - () Regular D - () Ruim

15 - Sexo do entrevistado: A - () Masculino B - () Feminino

(Obs.: não é preciso perguntar, apenas anote)

16 - Estado Civil:

A - () Casado C - () Separado
B - () Solteiro D - () Viúvo

17 - Qual a sua idade?

() até 15 () 21 a 30 () 41 a 50
() 16 a 20 () 31 a 40 () mais de 50 anos

18 - Grau de escolaridade:

A - () 1º grau incompleto D - () 2º grau completo
B - () 1º grau completo E - () Superior incompleto
C - () 2º grau incompleto F - () Superior completo

19 - Qual a sua ocupação principal?

Resp: _____

20 - Antes desta viagem, o(a) Sr(a) se lembra de ter visto ou ouvido alguma propaganda sobre a cidade?

A - () Sim B - () Não

21 - Em caso afirmativo, onde?

A - () Jornal D - () Revista
B - () Rádio E - () Agência de viagem
C - () TV F - () Outros:

22 - Pretende retornar à cidade em outra ocasião?

A - () Sim B - () Não C - () Talvez

Entrevistador(a): _____ Data: ____/____/____ Horário: _____

ANEXO 2 - Pesquisa de Opinião Pública

Bom dia. Boa tarde. Meu nome é _____. Estamos realizando uma pesquisa com os moradores de _____ para conhecer a sua opinião sobre o potencial turístico do município. Posso contar com a sua colaboração? Obrigado(a).

1 - Há quanto tempo o Sr(a) reside em _____ ?

() De 3 a 5 anos
() De 6 a 10 anos
() Há mais de 10 anos
() Desde que nasceu

2 - O(a) Sr.(a) acredita que a cidade tem condições de receber turistas?

() Sim. Por quê? _____
() Não. Por quê? _____
() Não soube responder.

3 - Qual a sua opinião caso fosse incentivado o desenvolvimento turístico do município?

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim () Não sabe

4 - Qual local o(a) Sr.(a) acha que um turista gostaria de visitar? (Especificar o nome ou a localização)

() Cachoeira _____ () Evento _____
() Gruta _____ () Museu _____
() Parque _____
() Outros. Quais? _____

5 - O que deveria ser feito na cidade para receber bem o turista?

- () Melhorar o acesso à cidade.
- () Melhorar a infra-estrutura em atrativos naturais.
- () Melhorar o nível dos restaurantes.
- () Melhorar o nível das hospedagens.
- () Outros. O quê? _____
- () Está tudo ótimo para receber bem os turistas.

* Se a pessoa não soube responder, citar as alternativas.

6 - Em sua opinião, que tipo de benefícios os turistas podem trazer à cidade?

- () Mais empregos.
- () Mais renda para a cidade.
- () Progresso mais rápido para a cidade.
- () Outros. Quais? _____
- () Não traz nenhum benefício para a cidade.

* Se a pessoa não soube responder, citar as alternativas.

7 - O(a) Sr.(a) teme que os turistas possam causar algum efeito negativo na localidade? Qual(is)?

8 - A Prefeitura de _____ contribui o suficiente para o desenvolvimento da atividade turística no município?

- () Sim. Por quê? _____
- () Não. Por quê? _____

9 - Estado Civil:

- A - () Casado
- B - () Solteiro
- C - () Separado
- D - () Viúvo

10 - Qual a sua idade?

- () até 15 anos
- () de 16 a 20 anos
- () de 21 a 30 anos
- () de 31 a 40 anos
- () de 41 a 50 anos
- () 50 anos ou mais

11 - Sexo do entrevistado:

- () Masculino
- () Feminino

12 - Grau de escolaridade:

- A - () 1º grau incompleto
- B - () 1º grau completo
- C - () 2º grau incompleto
- D - () 2º grau completo
- E - () Superior incompleto
- F - () Superior completo

13 - Qual a sua ocupação principal?

Resp: _____

Obrigado(a).

Entrevistador(a): _____ Data: ___/___/___ Horário: _____



BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, M.; TAMANINI, E. (Orgs.). *Redescobrimo a Ecologia no Turismo*. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 2002.
- BENI, M. C. *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: SENAC, 1998.
- BERNALDÉZ, G. *Turismo y médio ambiente*. Madri, 1992.
- BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. In: Apunts. *Educación Física y Deportes*. Barcelona, n.41, 1995.
- BUENO, J. C.; MENÉNDEZ, A. M. M.; GARCÍA, M. de los Ángeles Oviedo. *El Turismo Alternativo Como un Sistema Integrado: Consideraciones Sobre el Caso Andaluz*. Estudos Turísticos, Espanha, n.125, 1995.
- CAMPANHOLA, C., GRAZIANO DA SILVA, J. *Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor*. In: Anais do I Congresso Brasileiro de Turismo Rural. Piracicaba: FEALQ, 1999.
- CEBALLOS-LASCURÁIN, H. *Tourism, ecotourism and protected areas: the state of nature-based tourism around the world and guidelines for its development*. Gland, Switzerland and Cambridge, England: IUCN, 1996.
- CÉSAR, P. de A. B.; STIGLIANO, B. V. *Considerações sobre o planejamento turístico em áreas de conservação*. In: Anais do II CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISAS AMBIENTAIS. Santos: NPABS, v. 1, 2002.
- _____.; STIGLIANO, B. V. *Implantação do turismo rural no Vale do Paraíba: estudos de modelos*. Turismo em Análise, São Paulo, v.11, n.2, 2000.
- CIFUENTES, M. *Determinación de la capacidad de carga turística en áreas protegidas*. Costa Rica: CATIE/CI, 1992.
- COSTA, P. C. *Unidades de Conservação, matéria-prima do Ecoturismo*. São Paulo: Aleph, 2002.
- DIEGUES, A.C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. *Desenvolvimento Sustentável ou Sociedades Sustentáveis*. In: *Ecologia humana e planejamento em áreas costeiras*. São Paulo: NUPAUB, 1995.
- EADINTON, W. R.; SMITH, V. L. Introduction: emergence of alternative forms of tourism. In: *Tourism Alternatives*. England: John Wiley & Sons, 1994.
- EMBRATUR. *Programa ecoturismo: versão preliminar*. Brasília, 1991.
- _____. *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*. Brasília, 1994.
- _____. http://www.embratur.gov.br/conheca/outrosassuntos/dem_inter01.doc.
- EVER, S. (ed.). *Beyond the green horizon: a discussion paper on principles for sustainable tourism*. Washington: Tourism Concern/WWF, 1992.
- FERREIRA, L. F. Panorama do ecoturismo no Brasil. In: 3º Fórum Nacional de Turismo e Hotelaria. São Paulo: SENAC-CEATEL/BIOMA, 2 a 4 set. 1997. Palestra gravada.
- FREIXEDAS-VIEIRA, V.; PASSOLD, A.J. & MAGRO, T. C. (2000). Impactos do Uso público: um guia de campo para utilização do Método VIM. In: ANAIS II Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. v. 3. Campo Grande. 5 a 9/11 de 2000.
- GARTNER, W. C. *Tourism Development – Principles, Processes and Policies*. United States, John Willey & Sons, 1985.
- GETZ, D. Capacity to absorb tourism – concepts and implications for strategic planning. In: *Annals of Tourism Research*, v. 10, n.2, 1987.
- GRAEFE, A. R.; KUSS, F. R.; VASKE, J. J. *Visitor Impact Management – The Planning Framework*. Washington, D.C., National Parks and Conservation Association, 105p. (v. 2), 1990.
- GUIMARÃES, R. P. *Desenvolvimento sustentável: proposta alternativa ou retórica neoliberal?* In: Anais 3a Reunião Especial da SBPC. Florianópolis (SC): UFSC, 1996.
- HILLEL, O. Panorama Internacional do Ecoturismo. In: 3º Fórum Nacional de Turismo e Hotelaria. São Paulo: SENAC-CEATEL/BIOMA, 2 a 4 set. 1997. Palestra gravada.
- IRVING, M. de A. e AZEVEDO, J. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002.
- IUCN – International Union for the Conservation of Nature and Natural Resources. *World Conservation Strategy*, 1980.
- JESUS, G. M. de. *A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo*. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo: Manole, 2003.
- JONES, A. *Is there a real 'alternative' tourism?* Tourism Management, vol.13, n.1, p.102-103, março, 1992.
- KRIPPENDORF, J. *The Holiday Makers: Understanding the Impact of Leisure and Travel*, Heinemann: London, 1987.
- KRIPPENDORF, Jost. 1977. *Les devoreurs de paysages*. Lausanne: Heures.
- LAGE, B. e MILONE, P. *Economia do turismo*. São Paulo: Editora Atlas, 2001.
- LIME, D. *Principles of Carrying Capacity for Parks and Outdoor Recreation Areas*. Slovakia, 1995.
- MARINHO, A. *Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidade de resistência*. In: _____.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo: Manole, 2003.
- MATHIESON, A.; WALL, G. *Tourism: Economic, physical and social impacts*. Nova Iorque: Longman, 1982.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. *Inventário da Oferta Turística – Instrumento de Pesquisa*. Brasília, 2004.

- MOLINA, S. *Turismo y ecología*. México: Trillas, 1998.
- MURTA, S. M. e ALBANO, C. (orgs.). *Interpretar o patrimônio um exercício do olhar*. Minas Gerais: Editora UFMG - Território Brasilis.
- NUCCI, J. C. *Ecosistemas e Paisagens do Brasil*. Texto não publicado, 2001.
- OMT. *Guía para Administradores Locales: Desarrollo Turístico Sostenible*. Espanha: OMT, 1999.
- _____. *Introdução ao Turismo*. São Paulo: Roca, 2001.
- OMT/PNUMA. *Diretrizes: ordenación de los parques nacionales y zonas protegidas para el turismo*. Madri, 1992.
- O'REILLY, A. M. *Tourism carrying capacity – concepts and issues*. *Tourism Management*, n.7, v.3, 1986.
- PIRES, P. Dimensões do ecoturismo. São Paulo: Ed. Senac, 2002.
- POCIELLO, C. *Os desafios da leveza – as práticas corporais em mutação*. In: SANT'ANNA, D. B.(org). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- REJOWSKI, M., YASOSHIMA, J. R; STIGLIANO, B. V. e SILVEIRA, A. S. *Desenvolvimento do Turismo Moderno*. In: _____. (Org) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.
- RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo Rural*. São Paulo: Contexto, 2001.
- RUSCHMANN, Doris van D. 1997. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*, Campinas: Papirus (coleção turismo).
- SALVATI, S. S. A certificação e as dimensões da sustentabilidade. In: NEIMAN, Z.; MENDONÇA, R. *Ecoturismo no Brasil*. São Paulo: Manole, 2005.
- _____. *Planejamento do ecoturismo*. In: WWF - Brasil. *Manual de Ecoturismo de Base Comunitária – ferramentas para um planejamento responsável*. Brasília: WWF-Brasil, 2003.
- SANTOS, M. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SCHNEIDER, S., FIALHO, M. A. V. *Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul*. In: *Ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru: EDUSC, 2000.
- SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Conhecer para conservar: as unidades de conservação do Estado de São Paulo*. São Paulo: Terra Virgem/ Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 1999.
- _____. *Diretrizes para uma Política Estadual de Ecoturismo*, 1997.
- _____. *Coordenadoria de Informações Técnicas, Documentação e Pesquisa Ambiental. Instituto Florestal. Plano Emergencial – Implantação de Unidades de Conservação 1993/1994*, São Paulo, 1992.
- SERRANO, Célia M. T. Uma introdução à discussão sobre turismo, cultura e ambiente. In Serrano, C. & Bruhns, H. (orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papirus, 1998.
- SILVA, J. G. da, VILARINHO, C., DALE, P. J. *Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil*. In: ALMEIDA, J.A., RIEDL, M., FROELICH, J.M. (Eds.). In: *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. Santa Maria: Departamento de Extensão Rural/UFSM, 1998.
- STANKEY, G. H; COLE, D.N.; L., R. C.; PETERSON, M. E.; FRISSEL, S. S. *The Limits Of Acceptable Change (Lac) System For Wilderness Planning*. Ogden, USA, Department of Agriculture, 1985, n. 176.
- STIGLIANO, B. V. *Turismo de aventura: Off-road como prática*. *Turismo em Análise*, 11(1), 2000.
- _____.; CÉSAR, P. de A. B. *Inventário Turístico: Primeira etapa da elaboração do plano de desenvolvimento turístico*. Campinas: Alínea Editora, 2004.
- _____. *A aplicação do método VAMP a propriedades rurais - uma possibilidade para a otimização do turismo no espaço rural*. In: Anais do IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Joinville: 2004. v. 4.
- _____. *Turismo de aventura: a busca de seu significado através da análise qualitativa de praticantes*. *Turismo Visão e Ação*. Vale do Itajaí-SC, v. 4, n.11, p. 47-60, 2002.
- _____. *Uma nova ruralidade brasileira*. *Perspectivas Rurales Pobreza y Nueva Ruralidad*, San Jose, Costa Rica, v. 4, n. 2, p. 107-122, 2000.
- SYNERGY. *Tourism certification: an analysis of Green Globe 21 and other tourism certification programmes*. Relatório preparado para o WWF – Inglaterra. Londres, WWF, 2000.
- TULIK, O. *Turismo Rural*. São Paulo: Aleph, 2003.
- WALL, G. *Cycles and capacity: Incipient theory of conceptual contradictions*. In: *Tourism Management*. v.3, n.3, 1982.
- WESTERN, D. *Definindo ecoturismo*. In: LINDBERG, K., HAWKINS, D. E. (eds.). *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1995.
- WCED - World Commission on Environment and Development. *Our Common Future*, 1987.
- WWF - Brasil. *Manual de Ecoturismo de Base Comunitária – ferramentas para um planejamento responsável*. Brasília: Brasil, 2003.

Apoio Institucional:



**Prefeituras Municipais
e Governos Estaduais**

Realização:



**Ministério
do Turismo**

